

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • FEVEREIRO DE 2001

A LIAHONA



A LIAHONA



NA CAPA

Primeira Capa: Irmão Joseph, de David Lindsley.

Última Capa: Joseph e Oliver em Solene Oração, de Del Parson.



CAPA DE O AMIGO

Ver "Luz Karina Sánchez de Yaguarón, Paraguai", na página 4. (Fotografia de Richard e Mary Ann Whetten Lyman.)

VER PÁGINA 14

SUMÁRIO

- 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: PREPARAR O CAMINHO
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON
- 14 TESTEMUNHAS INSEPARÁVEIS DE JESUS CRISTO ÉLDER JOHN M. MADSEN
- 25 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: VESTIR TODA A ARMADURA DE DEUS
- 28 PALAVRAS DO PROFETA VIVO: PENSAMENTOS E CONSELHOS DO PRESIDENTE
GORDON B. HINCKLEY
- 30 VOZES DA IGREJA: FAZER O QUE O SENHOR ESPERA DE NÓS
COMO O LIVRO DE MÓRMON ME ENCONTROU KWAME OPARE
A CARIDADE E O BOLO CÍCLOPE NIKKI O. NELSON
SENTI-ME CONSOLIDADO, MAS POR QUÊ? ALAN L. OLSEN
- 38 PRIMEIROS SEGUIDORES FIÉIS DONALD L. ENDERS
- 48 COMO UTILIZAR A LIAHONA DE FEVEREIRO DE 2001

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 8 A DESCOBERTA DAS RAÍZES DO EVANGELHO NA INGLATERRA JANET THOMAS
- 22 PERGUNTAS E RESPOSTAS: POR QUE NOSSO PAI CELESTIAL, TÃO AMOROSO,
PERMITE QUE COISAS RUINS ACONTEÇAM COM PESSOAS INOCENTES?
- 26 COMPARTILHAR O EVANGELHO COM O PAI SHEILA R. WOODARD
- 36 LINHA SOBRE LINHA: ANTES DE NASCER
- 46 O PODER DO EXEMPLO CARLOS PÉREZ

O AMIGO

- 2 PARA OS AMIGUINHOS: A PRIMEIRA VISÃO DE JOSEPH SMITH DELORES DEVICTORIA
- 4 FAZENDO AMIGOS: LUZ KARINA SÁNCHEZ DE YAGUARÓN, PARAGUAI
MARY AN WHETTEN LYMAN
- 7 FICÇÃO: ÀS VEZES, O QUE NÃO É IGUAL É BOM JANICE PORTER HAYES
- 10 TEMPO DE COMPARTILHAR: O PROFETA É O PORTA-VOZ DO PAI CELESTIAL
DIANE S. NICHOLS
- 12 HISTÓRIAS DO NOVO TESTAMENTO: JESUS E A CASA
DO PAI CELESTIAL; NICODEMOS
- 16 "EXAMINAI ESSES MANDAMENTOS"



VER PÁGINA 46



VER PÁGINA 8



VER PÁGINA 38



Fevereiro de 2001, Vol. 25, Nº 2
A LIAHONA, 21982 059

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring

Editor: Dennis B. Neuenschwander

Consultores: L. Lionel Kendrick, Yoshihiko Kikuchi, John M. Madsen

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton

Diretor de Planejamento e Editorial: Richard M. Romney

Diretor Gráfico: Allan R. Layborg

Equipe Editorial:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editor Adjunto: Roger Terry

Editor Assistente: Jenifer Greenwood

Coordenadora Editorial e de Produção:

Shannon B. Booth

Assistente de Publicações: Collette Nebeker Aune

Equipe de Diagramação:

Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott Van Kampen

Diagramador Sênior: Sharri Cook

Diagramadoras: Thomas S. Child, Randall J. Pixton

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Produção: Reginald J. Christensen, Kari A. Couch,

Denise Kirby, Kelli Pratt, Claudia E. Warner

Pré-Impressão Digital: Jeff Martin

Equipe de Impressão e Distribuição:

Diretor: Kay W. Briggs

Gerente de Distribuição (Assinaturas):

Kris T. Christensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica:

Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução e Notícias Locais: Reynaldo J. Pagura

Assinaturas: Cezare Malaspina Jr.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: Toda correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a: Departamento de Assinaturas de A Liahona Caixa Postal 26023, CEP 05599-970 – São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil:

R\$ 18,00. Preço do exemplar em nossa agência:

R\$ 1,80. Para Portugal – Centro de Distribuição

Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 –

Almada. Assinatura Anual: 1.300\$00. Para o exterior:

Exemplar avulso: US\$ 3,00; Assinatura: US\$ 30,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o endereço antigo e o novo.

Envie manuscritos e perguntas para:

Liahona, 50 East North Temple, Salt Lake City, UT

84150-3223, USA. Ou envie um e-mail para:

CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org

A "Liahona" (um termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "orientador") é publicada em albanês, alemão, amárico, armênio, búlgaro, cebuano, chinês, coreano, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, haitiano, hiligaynon, húngaro, holandês, ilokano, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malaio, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatiano, romeno, russo, samoano, sueco, tagalo, tailandês, taiiano, tcheco, tonganês, ucraniano e vietnamita. (A periodicidade varia de uma língua para outra.)

© 2001 por Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impressa nos Estados Unidos da América.

For readers in the United States and Canada:

February 2001 Vol. 25 No. 2. A LIAHONA (USPS

311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published

monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints,

50 East North Temple, Salt Lake City, UT 84150. USA

subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$15.50

plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake

City, Utah. Sixty days' notice required for change of address.

Include address label from a recent issue; old and new

address must be included. Send USA and Canadian

subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center

at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971.

Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express)

may be taken by phone. (Canada Poste Information:

Publication Agreement # 1604821)

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake

Distribution Center, Church Magazines, PO Box 26368,

Salt Lake City, UT 84126-0368.



O FALECIMENTO DO IRMÃO MANOÏ

Gostamos muito do artigo publicado na edição de agosto de 1999, de R. Val Johnson, e das fotografias dos membros da Nova Caledônia. Servimos o primeiro ano de nossa missão na Nova Caledônia antes de sermos transferidos para Fiji. Ficamos tristes ao saber recentemente do falecimento do irmão Teahumanu Manoï, um dos líderes mencionados no artigo. Gostaríamos de transmitir nossas condolências à família do irmão Manoï, bem como aos amigos e missionários que serviram na Nova Caledônia.

*Élder e sister Janet Hansen Finlinson,
Missão Fiji Suva*

ARTIGOS DO TEMPO DE COMPARTILHAR AJUDAM A ENSINAR VISITANTES NA PRIMÁRIA

Gostaria de expressar minha profunda gratidão pelos artigos publicados todos os meses na *Liahona* (espanhol), especialmente os artigos do Tempo de Compartilhar. Eles têm sido de grande ajuda para mim ao ensinar as crianças que estão conhecendo a Igreja. Elas se mostram muito interessadas quando transmitimos as mensagens, mostramos gravuras e fazemos alguma brincadeira com elas.

Sou presidente da Primária há quatro anos e é maravilhoso saber que posso contar com essa revista extraordinária. Ela ajuda-nos em nossos chamados, nas aulas e em tudo o que é importante na Igreja.

*Selene Villalobos de Quiñones,
Ramo Fajardo,
Distrito Fajardo Porto Rico*



"A LISTA DE QUALIDADES"

Sou muito grato pelo artigo "A Lista de Qualidades" publicado na edição de março de 1999 de *A Liahona* (português). Aprendi realmente como valorizar meus talentos que ficaram ocultos durante muitos anos devido ao receio de sentir-me constrangido.

Nunca pensei que encontraria nada tão interessante e significativo na revista da Igreja. Obrigado. Eu realmente precisava daquela mensagem.

A Liahona é uma bênção maravilhosa para mim e para outros jovens também. Tenho certeza de que suas mensagens sobre o evangelho servirão de base para minha futura missão.

*Anderson Bispo dos Santos,
Ala São Caetano,
Estaca Salvador Brasil Norte*

APRENDER COM A EXPERIÊNCIA DE OUTROS

Tenho 17 anos e sou membro da Igreja há seis. Simplesmente adoro ler a *Liahona* (espanhol) porque é uma maneira de eu aprender com as experiências das outras pessoas. Toda vez que leio a revista, vejo que ela é realmente uma bússola, mostrando-nos o caminho a seguir.

*Ronald Luis Hinostroza Fortuna,
Ala Bolívar,
Estaca Lima Peru San Luis*



Preparar o Caminho

Presidente Thomas S. Monson

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Gosto imensamente do trabalho da Primária, em que as professoras instruem as criancinhas a andarem na luz do evangelho de Cristo. Elas ensinam todas as crianças a cantarem com convicção pessoal:

*Sou um filho de Deus, (. . .)
Ensinai-me, ajudai-me
As leis de Deus guardar.
Para que um dia eu vá
Com Ele habitar.¹*

Parte do grande amor das professoras da Primária prepara os meninos para receberem o Sacerdócio Aarônico.

Sob sua direção, as crianças da Primária são convidadas a decorar as Regras de Fé da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Vocês se lembram delas. Gostaria de citar apenas duas:

“Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho Jesus Cristo, e no Espírito Santo.”²

“Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos



**João Batista pregou a fé,
o arrependimento,
o batismo por imersão
e o dom do Espírito Santo.
Parte do grande amor das
professoras da Primária
prepara os meninos para
receberem o Sacerdócio
Aarônico, o mesmo
sacerdócio que possuía
João Batista.**

a admoestação de Paulo: Cremos em todas as coisas, confiamos em todas as coisas, suportamos muitas coisas e esperamos ter a capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável, de boa fama ou louvável, nós a procuraremos.”³

Podem imaginar um alicerce mais firme, uma filosofia mais fundamental para guiar-nos do que as Regras de Fé? Que grande dádiva as professoras concedem quando esperam que cada criança conheça esse padrão e realmente viva de acordo com ele. Elas aceitam pessoalmente o mandamento do Senhor: “Apascenta as minhas ovelhas; apascenta os meus cordeiros”.⁴

Alguns podem perguntar: Qual é o significado do Sacerdócio Aarônico para o qual é feita essa preparação? Ele é assim tão importante na vida de um rapaz? O Sacerdócio de Aarão “é um apêndice do (. . .) Sacerdócio de Melquisedeque; e tem poder para administrar ordenanças exteriores”.⁵ João Batista era descendente de Aarão e possuía as chaves do Sacerdócio Aarônico. Talvez seja útil analisarmos a vida e a missão de João para que reconheçamos e valorizemos mais plenamente a importância do Sacerdócio Aarônico.

Há muitos anos, num lugar bem distante, na região conquistada da Palestina, ocorreu um milagre maravilhoso. Era uma época trágica e tumultuada. No tempo de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias e sua mulher, Isabel. “Eram ambos justos perante Deus”.⁶ No entanto, seus longos anos de espera tinham sido infrutíferos, pois Zacarias e Isabel continuavam sem filhos.

Chegou então um dia memorável acima de todos os outros. O anjo Gabriel apareceu a Zacarias, dizendo: “Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João (. . .)

(. . .) [Ele] será grande diante do Senhor”.⁷

Isabel concebeu. No devido tempo, um filho nasceu e, de acordo com as intruções do anjo, recebeu o nome de João.

Assim como foi com o Mestre, Jesus Cristo, o mesmo se deu com o servo, João: o relato de seus anos de juventude se resumem a uns poucos e preciosos registros. Duas frases contêm tudo o que se sabe a respeito da história de João durante todo um período de trinta anos que vai desde o seu nascimento até sua ida ao deserto para dar início a seu ministério público: “E o menino crescia, e se robustecia em espírito. E esteve nos desertos até o dia em que havia de mostrar-se a Israel”.⁸

Vestia-se da mesma forma que os antigos profetas, com vestes de pelos de camelo. Seu alimento era o que o deserto podia prover: gafanhotos e mel silvestre. Sua mensagem era breve. Pregava a fé, o arrependimento, o batismo por imersão e o dom do Espírito Santo concedido por alguém que possuía uma autoridade superior à sua.

“Eu não sou o Cristo”, disse ele a seus discípulos fiéis, “mas sou enviado adiante dele.”⁹ “Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu.”¹⁰ “Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.”¹¹

Então veio o clímax da missão de João: o batismo de Cristo. Jesus desceu da Galiléia especificamente para “ser batizado” por João. Sentindo o coração humilde e o espírito contrito, João suplicou: “Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?” O Mestre respondeu: “Assim nos convém cumprir toda a justiça”.¹²

“E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”¹³

O testemunho de João de que Jesus era o Redentor do mundo foi prestado de modo destemido. Sem hesitar e com grande coragem João declarou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.¹⁴

A respeito de João, o Salvador testemunhou mais tarde: “Entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista”.¹⁵



Que grande dádiva as professoras concedem quando esperam que cada criança conheça esse padrão e realmente viva de acordo com ele. Elas aceitam pessoalmente o mandamento do Senhor: “Apascenta as minhas ovelhas; apascenta os meus cordeiros”.

O ministério público de João aproximava-se do fim. No início de seu ministério, ele tinha condenado a hipocrisia e a devassidão dos fariseus e saduceus. No fim de seu ministério, teve que denunciar a luxúria de um rei. As conseqüências são bem conhecidas. A fraqueza de um rei e a fúria de uma mulher se uniram para levar a efeito a morte de João.

O túmulo em que seu corpo foi colocado não pôde conter aquele corpo. Tampouco o assassinato pôde calar a sua voz. Declaramos ao mundo que em Harmony, Pensilvânia, em 15 de maio de 1829, um anjo “que se anunciou como João, o mesmo que é chamado João

Batista no Novo Testamento” apareceu como ser ressuscitado a Joseph Smith e Oliver Cowdery. “O anjo explicou estar agindo sob a direção de Pedro, Tiago e João, os Apóstolos antigos que possuíam as chaves do sacerdócio maior, o qual era chamado Sacerdócio de Melquisedeque.”¹⁶ O Sacerdócio Aarônico tinha sido restaurado na Terra.

Graças àquele memorável evento, tive o privilégio de ser portador do Sacerdócio Aarônico, como milhões de rapazes nestes últimos dias. Seu verdadeiro significado foi-me ensinado por meu antigo presidente de estaca, Paul C. Child, já falecido.

Quando eu estava quase completando 18 anos e me preparava para servir nas forças armadas na Segunda Guerra Mundial, recebi a recomendação para ser ordenado ao Sacerdócio de Melquisedeque. Foi-me dada a incumbência de ligar para o presidente Child a fim de marcar uma entrevista. Ele era um homem que amava e



Jesus desceu da Galiléia especificamente para “ser batizado” por João. Sentindo o coração humilde e o espírito contrito, João suplicou: “Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?” O Mestre respondeu: “Assim nos convém cumprir toda a justiça”.

compreendia as santas escrituras. Tinha o desejo de que todos também as amassem e compreendessem. Sabendo por outros que suas entrevistas eram bastante minuciosas e detalhadas, nossa conversa pelo telefone foi algo assim:

“Alo, presidente Child. Sou o irmão Monson. O bispo pediu-me que marcasse uma entrevista com o senhor.”

“Muito bem, irmão Monson. Quando você pode vir ver-me?”

Sabendo que a reunião sacramental começava às seis horas e desejando expor o mínimo possível o meu conhecimento das escrituras na entrevista, sugeri: “Que tal às cinco horas?”

Ele respondeu: “Oh, irmão Monson, isso não nos deixará tempo suficiente para revisarmos as escrituras. Será que você pode vir às duas horas e trazer as escrituras nas quais você costuma fazer suas anotações e marcar referências?”

Quando o domingo finalmente chegou, fui à casa do



presidente Child, na avenida Indiana. Fui recebido calorosamente, e em seguida a entrevista começou. Ele disse: “Irmão Monson, você possui o Sacerdócio Aarônico. Já recebeu a ministração de anjos?”

Minha resposta foi: “Não, presidente Child”.

Ele disse: “Sabe que você tem esse direito?”

Respondi: “Não sabia”.

Ele então me ensinou: “Irmão Monson, repita de cor a seção 13 de Doutrina e Convênios”.

Eu comecei: “A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves do ministério de anjos (. . .)”.¹⁷

“Pare”, ordenou o presidente Child. Então, com uma

voz calma e bondosa, ele me aconselhou: “Irmão Monson, nunca se esqueça de que como portador do Sacerdócio Aarônico você tem o direito de receber a ministração de anjos”. Foi quase como se houvesse um anjo na sala naquele dia. Nunca me esquecerei daquela entrevista. Ainda sinto o espírito daquele momento solene. Tenho grande reverência pelo sacerdócio do Deus Todo-Poderoso. Testemunhei o seu poder. Senti sua força. Maravilhei-me com os milagre que ele realizou.

Há quase 50 anos, conheci um rapaz, um sacerdote, que possuía a autoridade do Sacerdócio Aarônico. Como bispo, eu era seu presidente de quórum. Aquele menino, Robert, gaguejava e não conseguia falar direito. Era muito tímido, envergonhado e acanhado por causa de seu defeito de fala que era uma coisa terrível para ele. Nunca cumpria uma designação, nunca olhava as pessoas nos olhos, quase sempre andava com a cabeça baixa. Então, certo dia, devido a uma situação incomum, ele aceitou uma designação para desempenhar seu dever de sacerdote de batizar uma pessoa.

Sentei-me ao lado dele no batistério do sagrado Tabernáculo. Ele estava vestindo uma roupa imaculadamente branca e estava preparado para a ordenança que iria realizar. Perguntei a Robert como ele se sentia. Ele olhou para o chão e gaguejou de modo quase incompreensível, dizendo que se sentia muito inadequado.

Ambos oramos fervorosamente para que ele se saísse à altura de sua tarefa. Então, o secretário leu o seguinte: “Nancy Ann McArthur será agora batizada por Robert Williams, sacerdote”. Robert levantou-se, entrou na pia batismal, tomou Nancy pela mão e ajudou-a a entrar na água que limpa a alma humana e proporciona um renascimento espiritual. Ele então olhou para o céu e, com o braço erguido em ângulo reto, proferiu as palavras: “Nancy Ann McArthur, tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.¹⁸ Não gaguejou nenhuma vez. Não errou nenhuma palavra. Um milagre moderno tinha sido testemunhado.

No vestiário, cumprimentei Robert, esperando ouvi-lo falar fluentemente. Eu estava errado. Ele olhou para o chão e gaguejou seu agradecimento.

Testifico que quando Robert agiu com a autoridade do Sacerdócio Aarônico, ele falou com poder, convicção e ajuda divina.

Esse é o legado de um homem chamado João Batista. Ouvimos sua voz hoje em dia. Ele ensina humildade, incentiva-nos a ter coragem, inspira-nos a ter fé.

Oro para que sejamos motivados por sua mensagem. Que sejamos inspirados por sua missão. Que sejamos elevados por sua vida para que reconheçamos plenamente o valor do Sacerdócio Aarônico e seu divino poder. □

NOTAS

1. “Sou um Filho de Deus”, *Hinos*, 193.
2. Regras de Fé 1:1.
3. Regras de Fé 1:13.
4. Ver João 21:15–16.
5. D&C 107:14.
6. Lucas 1:6.
7. Lucas 1:13, 15.
8. Lucas 1:80.
9. João 3:28.
10. Lucas 3:16.
11. Mateus 3:11.
12. Ver Mateus 3:13–15.
13. Mateus 3:16–17.
14. João 1:29.
15. Mateus 11:11.
16. D&C 13, cabeçalho da seção.
17. D&C 13:1.
18. Ver D&C 20:73.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. As professoras da Primária ajudam os pais a ensinar o evangelho de Jesus Cristo às crianças.
2. Entre os ensinamentos do evangelho está a importância do Sacerdócio Aarônico e do ministério de João Batista.
3. O ministério de João Batista nos ensina a respeito da humildade, coragem e fé.

A DESCOBERTA DAS RAÍZES DO EVANGELHO NA INGLATERRA

ESTAS TERRAS FORAM VISITADAS POR PROFETAS.
AGORA ESTES ADOLESCENTES SEGUEM SEUS PASSOS.

Janet Thomas

N uma ensolarada manhã de sábado, os jovens da Estaca Cardiff Wales, levando um lanche na mochila e muito entusiasmo pelo passeio, saem para uma atividade especial a fim de comemorarem a restauração do Sacerdócio Aarônico e descobrirem as raízes do evangelho nas ilhas britânicas.

Essas raízes são bem antigas, tendo cerca de 160 anos, época em que Wilford Woodruff (1807–1898) e Brigham Young (1801–1877) trilharam a pé aquelas mesmas estradas pelas quais o ônibus segue hoje. Tanto o Élder Young quanto o Élder Woodruff, que na época eram membros do Quórum dos Doze Apóstolos, tornaram-se Presidentes da Igreja.

Como há muitos adolescentes dentro do mesmo veículo, a algazarra é intensa quando o ônibus cruza a fronteira de Gales, entrando na Inglaterra. Todos falam bem alto e estão divertindo-se muito. Os jovens gostam muito de estarem juntos sempre que podem. Adoram estar com amigos que compartilhem de suas crenças.

Charlotte Forward, de 15 anos, da Ala Cwmbran



sente-se muito feliz por estar com suas amigas Kathryn Elliott da Ala Blackwood e Rachel Griffiths da Ala Newport-Gwent. Geralmente elas só se encontram nas atividades da estaca, de modo que passar o dia inteiro juntas é uma grande alegria

para elas. Charlotte diz: “Gales é um lugar muito bonito para se morar. É um prazer estar com as pessoas. Todas nos damos muito bem na estaca. Faço parte da sétima geração de membros da Igreja. Alguns de meus antepassados emigraram para Utah, mas outros ficaram aqui. Agora, parece que todos aqui são meus parentes”.

O ônibus entra na vila de Ledbury, que hoje é uma cidade interiorana sem grandes atrativos, com exceção do encantador e antigo mercado da rua principal. Andrew Dearden, o presidente dos Rapazes da estaca, conta aos jovens que os primeiros missionários que trabalharam naquele lugar pregaram na praça do mercado. Alguns dos rapazes, que em poucos anos estarão servindo em uma missão, descem do ônibus e caminham sob o antigo telhado do mercado. Será que teriam coragem de parar ali e falar do evangelho aos moradores da vila?



Os primeiros missionários da Inglaterra pregaram na vila de Ledbury. (No alto, inserção central.) Em Malvern Hills (ao fundo e à esquerda), Wilford Woodruff dedicou a área para a pregação do evangelho.



Como reagiriam se a multidão não lhes desse atenção?

Algumas das pessoas que há 160 anos ouviram Wilford Woodruff pregar um único sermão pediram para serem batizadas. Os jovens ficaram impressionados com o sucesso que os missionários tiveram na pregação do evangelho. Clive Wilkinson, de 18 anos, que aguarda ansiosamente a sua missão, fica maravilhado em pensar que naquela época centenas de pessoas daquela região ouviram o que os missionários diziam e acreditaram.

“É incrível pensar que as pessoas se converteram só por ouvirem um único discurso”, diz Clive. “Sou missionário de estaca, mas quando saímos com os missionários hoje em dia, as coisas não são assim. Temos sorte quando conseguimos entrar em uma casa. É impressionante pensar que os

missionários daquela época conseguiram chegar aqui com essa nova religião, da qual ninguém tinha ouvido falar, e saber que as pessoas tiveram suficiente fé para crerem neles e serem convertidas tão prontamente assim.”

As duas paradas seguintes são um pouco diferentes entre si, mas ambas são freqüentemente mencionadas na história da Igreja. A primeira parada é em Malvern Hills. Foi nesse local que Wilford Woodruff dedicou esta área para a pregação do evangelho. Depois do almoço, os jovens caminham por uma trilha, deixando as estradas e as casa para trás, seguindo até as encostas cobertas de grama no alto dos montes. Daquele lugar, olham para um lado e enxergam o condado de Herefordshire, Inglaterra, estendendo-se a seus pés. Depois viram-se para a direção de casa e vêem Gales.

Malvern Hills

Malvern Hills é uma alta serra no sudoeste da Inglaterra, cujo topo é coberto de grama e oferece uma visão espetacular de uns cinquenta quilômetros em todas as direções. Seu ponto mais elevado é Herefordshire Beacon.

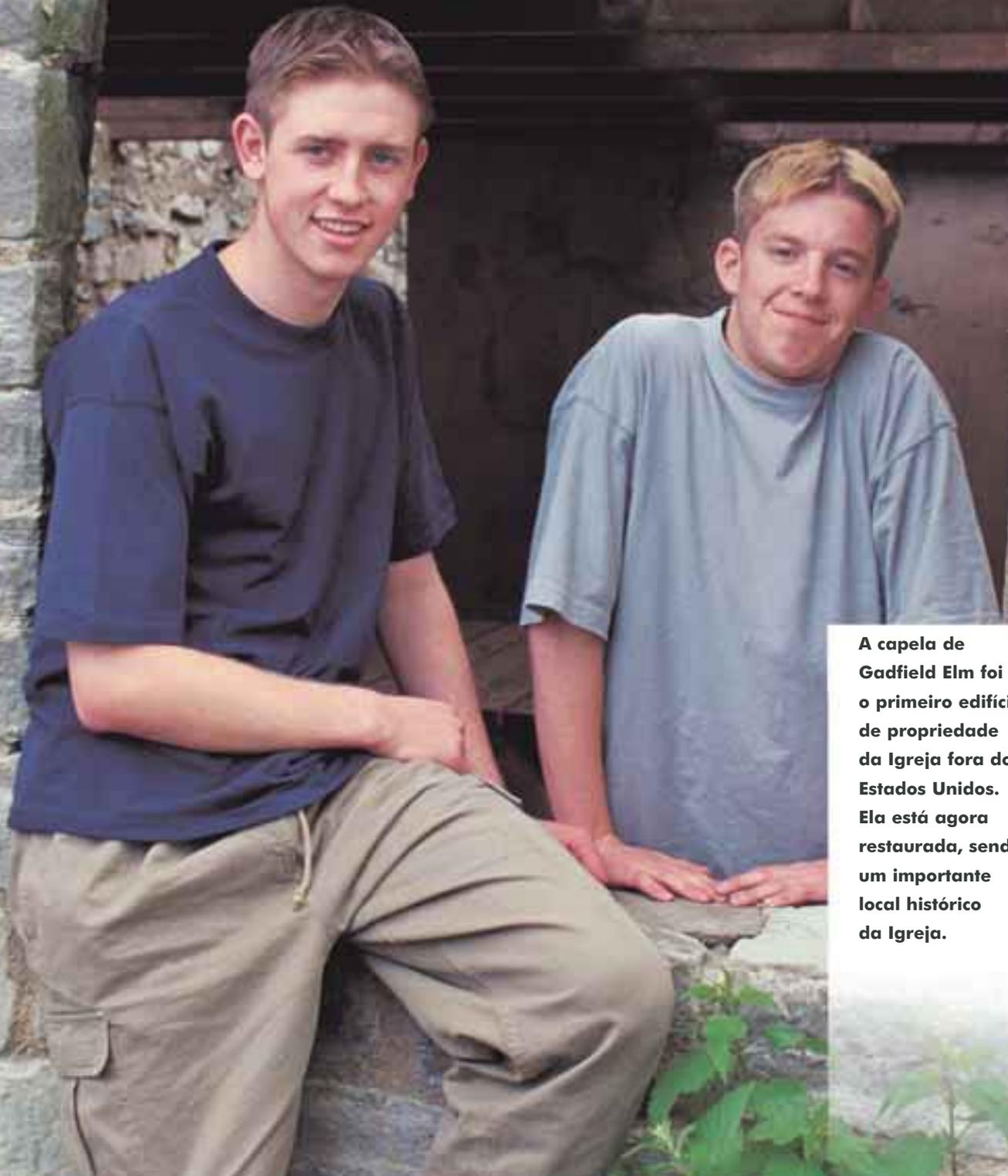
Wilford Woodruff escreveu em março de 1840 sobre sua escalada de Malvern Hills: “Em minha caminhada até Colwell, no dia 9, tive uma grande visão da natureza e do poder do Criador; isso aconteceu quando eu estava no alto de Malvern Hill, a uns 360 a 460 metros acima do nível do mar. Tinha à minha frente uma visão de todos os arredores, estendendo-se por muitas



milhas. (. . .) Enquanto estava em cima daquela montanha, contemplando a grandiosa e bela visão à minha frente, começou a trovejar, e relâmpagos iluminaram o vale abaixo, passando a chover torrencialmente. A majestade e grandiosidade daquela cena foram impressionantes, enquanto eu estava sobre a montanha, acima das nuvens, contemplando as belas obras do Criador e

Sua majestade naquela tempestade”. (Citado em *Wilford Woodruff*, pp. 148–149.)

Em Beacon Hill, o Élder Brigham Young, o Élder Wilford Woodruff e o Élder Willard Richards (1804–1854), todos do Quórum dos Doze Apóstolos, em espírito de oração, decidiram autorizar a publicação do Livro de Mórmon e de um hinário na Inglaterra. Eles não tinham acesso a um templo, por isso freqüentemente buscavam o isolamento oferecido por Malvern Hills para conversar com o Senhor a respeito de decisões importantes. Essas montanhas, particularmente Beacon Hill, são lugares sagrados na história da Igreja.



A capela de Gadfield Elm foi o primeiro edifício de propriedade da Igreja fora dos Estados Unidos. Ela está agora restaurada, sendo um importante local histórico da Igreja.



CAPELA DE GADFIELD ELM, DE ALROUNDS

Capela de Gadfield Elm

A capela de Gadfield Elm foi construída em 1836 por uma congregação cristã que se denominava Irmãos Unidos. Tendo sido doada à Igreja pelos Irmãos Unidos, que se filiaram à Igreja durante a primavera e o verão de 1840, a capela foi bastante usada até que a maioria dos santos recém-batizados emigraram para Nauvoo. A capela foi vendida na época para levantar fundos para a sua emigração.

Embora a capela de Gadfield Elm tenha ficado muito estragada com o tempo, os membros locais compraram-na em 1995 e restauraram-na para que voltasse a ter a mesma aparência que tinha há 160 anos, baseando-se em desenhos originais e descrições. Em abril de 2000, o Élder Jeffrey R. Holland do Quórum dos Doze Apóstolos, um descendente de um dos líderes originais dos Irmãos Unidos, rededicou a capela. Ela será usada para reuniões ocasionais da Igreja; as pessoas que tiverem interesse pela história da Igreja também podem visitar o local.

A segunda parada é a fazenda de John Benbow. Embora a fazenda propriamente dita seja atualmente uma propriedade particular, o pequeno lago onde centenas de conversos foram batizados foi comprado pela Igreja e está sendo mantido e conservado por ela. Os jovens descansam sobre a grama recém-apanhada e tentam imaginar a impressionante cena ocorrida no tempo em que Wilford Woodruff foi missionário naquele lugar.

Em seu diário, o Élder Woodruff escreveu que sentiu que o Senhor o conduzira até aquele lugar. Ele viajou muitos quilômetros de charrete, depois andou vários quilômetros a pé. Conheceu John Benbow, um rico fazendeiro, que juntamente com a esposa Jane pertenciam a um grande grupo que se desligara das igrejas tradicionais da época. Wilford Woodruff escreveu:

“[John Benbow] mandou um recado para toda a vizinhança, avisando que um missionário americano pregaria em sua casa naquela noite. Quando se aproximava a hora, muitos vizinhos apareceram. Preguei meu primeiro sermão do evangelho naquela casa. Também preguei no mesmo lugar na noite seguinte, e batizei seis pessoas, inclusive o Sr. John Benbow, sua esposa, e quatro pregadores da igreja Irmãos Unidos (. . .).

“(. . .) A igreja paroquial que ficava perto da casa do irmão Benbow e era presidida pelo reitor da paróquia

Wilford Woodruff foi conduzido para uma área em que toda uma congregação religiosa tinha sido preparada para receber o evangelho. Ele batizou aproximadamente 600 pessoas no lago da fazenda de John Benbow. (No alto, ao centro.)



teve uma frequência de apenas quinze pessoas naquele dia, ao passo que havia uma grande congregação, estimada em mil pessoas, assistindo a minhas reuniões durante aquele dia e aquela noite.” (Citado em Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff: History of His Life and Labors*, 1964, pp. 117–118.)

Muitos daqueles mil ouvintes foram batizados, e os conversos formaram alguns dos primeiros ramos da Igreja na Inglaterra. John e Jane Benbow e Thomas Kington também financiaram a primeira edição britânica do Livro de Mórmon e de um hinário dos santos dos últimos dias.

Durante aqueles primeiros meses de 1840, Wilford Woodruff pregou para os membros daquele grupo de dissidentes e batizou-os todos, com exceção de um homem, num total de 600 pessoas. O Élder Woodruff também batizou mais de 1.200 pessoas de outras igrejas. Muitos dos que foram batizados venderam suas terras e propriedades e partiram da Inglaterra para reunirem-se aos santos de Nauvoo, onde tornaram-se esteios da Igreja. Mais tarde, foram expulsos de Nauvoo, cruzaram as planícies e estabeleceram novas comunidades no oeste dos Estados Unidos. Sua influência é hoje sentida por toda a Terra, sendo que muitos de seus descendentes continuam a realizar o trabalho do Senhor.

Embora não haja muito para se ver, com exceção do laguinho da fazenda Benbow, os jovens fazem silêncio. O espírito de paz daquele lugar parece penetrar em todos os corações. “É realmente muito tocante”, diz Suzy Taylor da Ala Blackwood, “pensar naqueles que estiveram aqui antes de nós. É muito bom poder ver o lugar mencionado por nossos líderes.”

A parada final é na antiga capela de Gadfield Elm. Na época da visita, apenas as paredes de pedra estão de pé. O telhado se foi, e urtigas crescem no interior do prédio. A capela foi o primeiro edifício de propriedade da Igreja fora dos Estados Unidos. Não é difícil imaginar o que deve ter sido, há 160 anos, quando as pessoas caminhavam

pelas tortuosas estradas do interior para chegarem até à capela. É um pouco mais difícil imaginar o poder e o espírito que foram provavelmente sentidos naquele lugar quando Wilford Woodruff pregava. Em uma

só noite, as pessoas aprenderam a verdade, e ela mudou-lhes o rumo da vida.

As sementes plantadas ali ainda florescem nos jovens que voltam para visitar os lugares em que esses milagres aconteceram. “É realmente muito impressionante”, diz Joseph Parry do Ramo Caerphilly. “Estes lugares estão aqui à nossa volta. Sempre pensei na história da Igreja como algo ocorrido na América. Na verdade, aconteceu aqui na Inglaterra também.” □

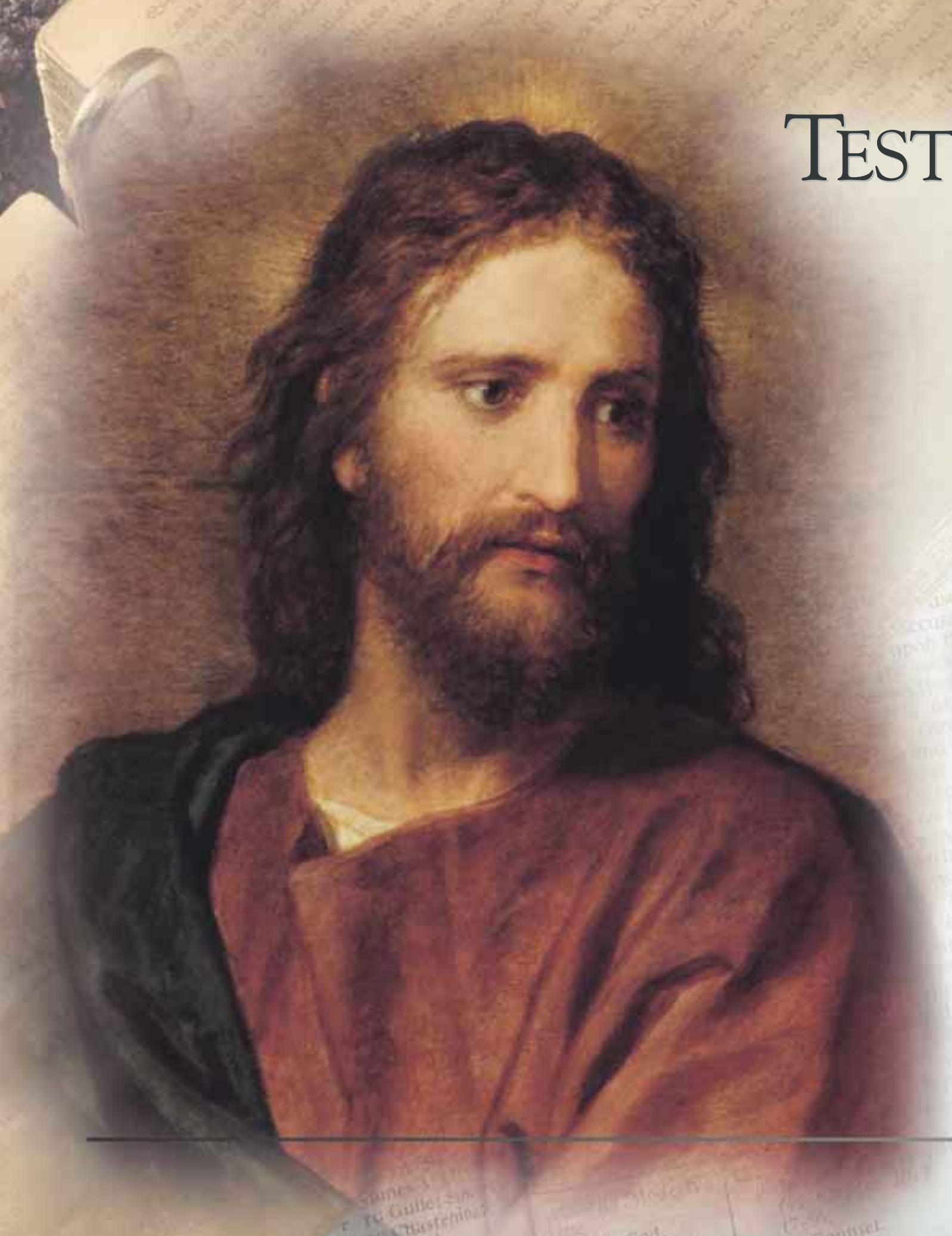


FAZENDA BENBOW, DE FRANK MAGELIBY

Lago da Fazenda de John Benbow

Neste pequeno lago localizado na fazenda de John Benbow foram realizados centenas de batismos em 1840. Em 5 de março, Wilford Woodruff batizou John e Jane Benbow e quatro pregadores da congregação local de um grupo chamado Irmãos Unidos. O Élder Woodruff passou a maior parte dos dias que se seguiram, conforme ele escreveu, “limpando um laguinho e preparando-o para o batismo, pois vi que muitos receberiam essa ordenança. Mais tarde, batizei seiscentas pessoas naquele lago”. (Citado em *Wilford Woodruff*, p. 117.)

TEST



TESTEMUNHAS INSEPARÁVEIS DE JESUS CRISTO

Élder John M. Madsen Dos Setenta

Doutrina e Convênios testifica da veracidade do Livro de Mórmon, e ambos testificam do Salvador.

Doutrina e Convênios e O Livro de Mórmon são testemunhas inseparáveis e vigorosas da divindade de Jesus Cristo e Sua grandiosa obra nestes últimos dias. Esses dois volumes de escrituras cumprem, pelo menos em parte, uma promessa que o Senhor fez a

Enoque: “E justiça enviarei dos céus; e

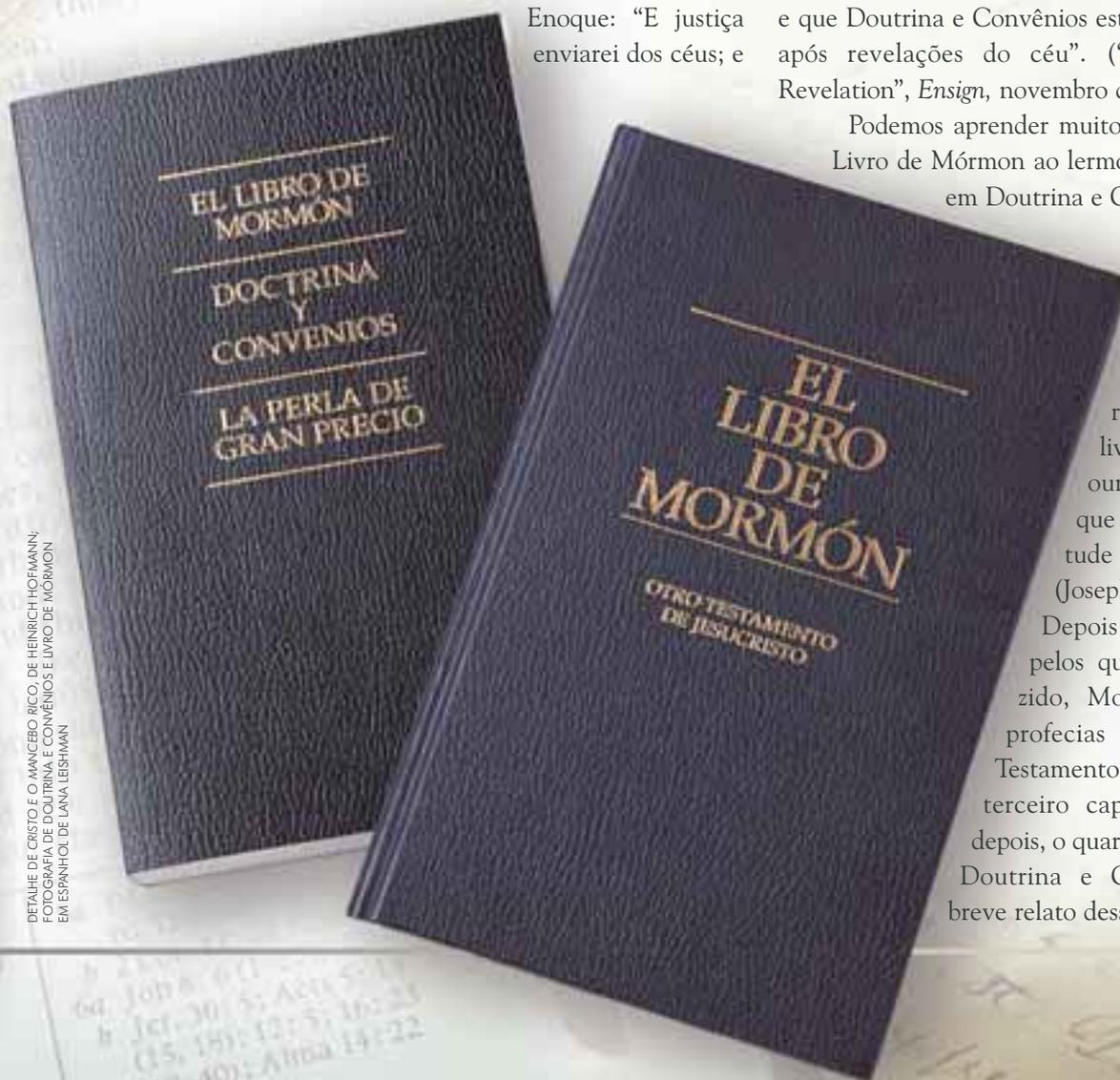
a verdade farei brotar da terra para prestar testemunho do meu Unigênito; de sua ressurreição dentre os mortos; sim, e também da ressurreição de todos os homens; e justiça e verdade farei varrerem a Terra, como um dilúvio, a fim de reunir meus eleitos dos quatro cantos da Terra”. (Moisés 7:62)

Depois de citar essa escritura numa conferência geral, o Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994) disse que o “O Livro de Mórmon brotou da terra, cheio de verdade” e que Doutrina e Convênios está repleto de “revelações após revelações do céu”. (“The Gift of Modern Revelation”, *Ensign*, novembro de 1986, pp. 79–80)

Podemos aprender muito sobre a importância do Livro de Mórmon ao lermos as revelações contidas em Doutrina e Convênios.

ELOS ENTRE O LIVRO DE MÓRMON E DOCTRINA E CONVÊNIOS

Ao proclamar a gloriosa mensagem de um livro “escrito em placas de ouro”, o anjo Morôni disse que ele “continha a plenitude do evangelho eterno”. (Joseph Smith—História 1:34) Depois de explicar os meios pelos quais o livro seria traduzido, Morôni começou a citar profecias do Velho e do Novo Testamento. Primeiro mencionou o terceiro capítulo de Malaquias e, depois, o quarto capítulo. A seção 2 de Doutrina e Convênios contém um breve relato dessa visita.



Então, no verão de 1828, o Profeta Joseph Smith recebeu duas revelações adicionais relacionadas à tradução do Livro de Mórmon: as seções 3 e 10 têm a ver com as 116 páginas manuscritas confiadas a Martin Harris para que ele “as levasse para casa e mostrasse aos familiares”. (*History of the Church*, 1:21)

Em fevereiro de 1829, Joseph Smith Sênior foi visitar seu filho. Ele já sabia exatamente o que ocorreria: a visão do Pai e do Filho ao jovem Joseph, a promessa feita pelo Senhor de que “a plenitude do evangelho seria dada a conhecer em algum tempo futuro” (*History of the Church*, 4:536), as visitas do anjo Morôni, o recebimento das placas de ouro, o trabalho de tradução, a perda das 116 páginas manuscritas e o recebimento e devolução das placas e do Urim e Tumim. Nesta ocasião, o Profeta Joseph orou ao Senhor em favor de seu pai e recebeu a seção 4, que se inicia da seguinte forma: “Agora eis que uma obra maravilhosa está para iniciar-se entre os filhos dos homens”. A tradução do Livro de Mórmon constituiu uma parte significativa e essencial para a realização da obra do Senhor nos últimos dias.

Em março de 1829, Martin Harris estava profundamente arrependido e angustiado devido à perda das 116 páginas de tradução e novamente se dirigiu a Harmony, Pensilvânia. Ele pediu a Joseph que orasse ao Senhor em favor dele. Mais uma vez, o Profeta recebeu uma revelação, a seção 5, em que Martin Harris foi chamado para ser testemunha das placas de ouro caso se arrependesse e se humilhasse diante do Senhor.

Em abril de 1829, Oliver Cowdery, ao saber que Joseph recebera as placas, foi a Harmony, Pensilvânia, e envolveu-se imediatamente no trabalho de tradução, ajudando Joseph como escrevente. (Ver *History of the Church*, 1:32–33.) No decorrer desse mês, as seções 6, 8

e 9 foram concedidas em resposta a perguntas surgidas durante a tradução do Livro de Mórmon.

A seção 13 é outro exemplo excepcional de revelações concedidas ao Profeta em resposta a dúvidas levantadas durante a tradução do Livro de Mórmon. Joseph disse: “Continuávamos ainda o trabalho de tradução, quando, no mês seguinte (maio de 1829), fomos certo dia a um bosque para orar e consultar o Senhor a respeito do batismo para a remissão dos pecados, mencionado na tradução das placas. Enquanto orávamos e invocávamos o Senhor, um mensageiro do céu desceu em uma nuvem de luz e, colocando as mãos sobre nós, ordenou-nos, dizendo:

“A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves do ministério de anjos e do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão de pecados.” (Joseph Smith—História 1:68–69; grifo do

autor no versículo 68; ver também D&C 13.)

Esse mensageiro celestial, que se identificou como “João, o mesmo que é chamado João Batista no Novo Testamento”, explicou também a Joseph e Oliver “que estava agindo sob a direção de Pedro, Tiago e João, que possuíam as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque, sacerdócio esse que no devido tempo nos seria conferido, conforme indicou”. (*History of the Church*, 1:40) Assim, o surgimento do Livro de Mórmon resultou não só em numerosas revelações contidas em Doutrina e Convênios, mas também catalisou a restauração do santo Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque, o que preparou o caminho para o restabelecimento da Igreja e do reino de Deus nestes últimos dias.

As seções 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 contêm mais exemplos da relação entre o surgimento do Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios.

Ao proclamar a gloriosa mensagem de um livro “escrito em placas de ouro”, o anjo Morôni declarou que ele “continha a plenitude do evangelho eterno”.

ENSINAMENTOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE MÓRMON

Pouco mais de um ano e meio depois da tradução e publicação do Livro de Mórmon e da organização da Igreja, o Senhor revelou Seu “prefácio” para Doutrina e Convênios, conforme lemos na seção 1. Nesse preâmbulo

revelado, o Senhor testificou que o Profeta Joseph Smith recebera poder para traduzir O Livro de Mórmon “pela misericórdia de Deus, pelo poder de Deus”. (D&C 1:29)

Na seção 3, o Senhor declarou alguns de Seus propósitos para trazer à luz O Livro de Mórmon:

“Como o conhecimento sobre um Salvador veio ao



MÓRMON VISTA, JOSEPH SMITH, DE DALE KILBOURN; DETALHE: JOSEPH SMITH RECEBE AS PLACAS, DE KENNETH RILEY

H = Cur: 1100
60 July 1811 - 21
H 187-36 St. Aca 3/17
115-181-22 St. 101-23
(19-40) Alma 14-22
27-181

mundo pelo testemunho dos judeus, da mesma forma o conhecimento sobre um Salvador chegará ao meu povo —

E aos nefitas (. . .) pelo testemunho de seus antepassados —

E esse testemunho chegará ao conhecimento dos lamanitas (. . .).

E para este fim específico as placas que contêm esses

registros foram preservadas — para que se cumprissem as promessas do Senhor a seu povo;

E para que os lamanitas tivessem conhecimento de seus antepassados e conhecessem as promessas do Senhor e cressem no evangelho e confiassem nos méritos de Jesus Cristo e fossem glorificados pela fé em seu nome;



e para que, pelo seu arrependimento, fossem salvos.” (D&C 3:16–20; grifo do autor)

Na seção 5, o Senhor diz muito sobre a importância do Livro de Mórmon na Restauração do evangelho. O Senhor relembrou a Joseph: “E tens um *dom para traduzir as placas*; e este é o primeiro dom que te conferi; e ordenei-te que não afirmasses ter qualquer outro dom, até que meu propósito fosse cumprido nisso; porque não te concederei outro dom até que isto *esteja terminado*”. (D&C 5:4; grifo do autor) O Senhor deixou claro para Seu servo Joseph Smith que O Livro de Mórmon tinha de ser traduzido e publicado antes do estabelecimento da obra do Senhor nestes últimos dias.

Também na seção 5, nos versículos de 5 a 16, o Senhor explicou por que O Livro de Mórmon é tão importante para o estabelecimento de Seu reino na Terra. Nesses versículos, o Senhor fez repetidas menções à expressão “minhas palavras” para referir-se ao Livro de Mórmon, que logo viria à luz por intermédio do Profeta Joseph Smith. (Ver também 3 Néfi 21:9–11.) O Senhor declarou: “Se [os filhos dos homens] não quiserem acreditar em *minhas palavras* [contidas no Livro de Mórmon], *não crerão em ti, meu servo Joseph*”. (D&C 5:7; grifo do autor)

Esses poucos versículos das escrituras ilustram a grande verdade declarada pelo Profeta Joseph: “O Livro de Mórmon [é] (. . .) a pedra angular de nossa religião”. (*History of the Church*, 4:461) Um testemunho da divindade e veracidade do Livro de Mórmon confirma que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith é um profeta verdadeiro e que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, conforme organizada pelo Profeta Joseph Smith, é verdadeira. Com tal testemunho do Espírito, almas corajosas de todas as nações estão abraçando o evangelho restaurado. (Ver D&C 5:16.)

O Senhor declarou a Oliver Cowdery, o escrevente do Profeta: “[No Livro de Mórmon] estão escritas todas as coisas concernentes ao alicerce de minha igreja, meu evangelho e minha rocha”.

Em Doutrina e Convênios 6:9, o Senhor instruiu Oliver Cowdery a “[ajudar] a trazer à luz [Sua] obra”. Oliver Cowdery desempenhou um papel crucial no surgimento do Livro de Mórmon, que continha a “plenitude do evangelho”. (Ver D&C 20:8–9; 27:5; 42:12; 135:3.) O Senhor enviaria Seus servos com esse registro em mãos para “[realizar] uma obra maravilhosa entre os filhos dos homens para convencer a muitos de seus pecados, para que se arrependam e se aproximem do reino de meu Pai”. (D&C 18:44)

A seção 17 de Doutrina e Convênios contém um dos testemunhos mais claros e contundentes do Livro de Mórmon jamais registrados. O Senhor Jesus Cristo, de Quem O Livro de Mórmon é “Outro Testamento”, declara: “Meu servo Joseph Smith Júnior (. . .) traduziu o livro [de Mórmon], sim, aquela parte que lhe ordenei; e assim como vive vosso Senhor e vosso Deus, ele

é verdadeiro”. (D&C 17:5–6)

Podemos ler ou ouvir esse testemunho e ainda ter dúvidas da importância que o Senhor atribuiu ao Livro de Mórmon? É uma grande responsabilidade ouvir, ler ou ponderar essas coisas, pois elas são suficientes para condenar-nos se viermos a rejeitar O Livro de Mórmon ou não formos fiéis à causa de Cristo e Seu reino. (Ver D&C 5:15, 18.)

Em junho de 1829, o Senhor declarou a Oliver Cowdery, o escrevente do Profeta, este testemunho incisivo da veracidade e importância do Livro de Mórmon: “Eis que te manifestei por meu Espírito, em muitas ocasiões, que *as coisas que escreveste são verdadeiras*. (. . .)

E (. . .) te dou um mandamento de que confies nas coisas que estão escritas;

Porque nelas estão escritas todas as coisas concernentes ao *alicerce de minha igreja, meu evangelho e minha rocha*.

Portanto, se edificares a minha igreja sobre o alicerce de meu evangelho e minha rocha, as portas do inferno não prevalecerão contra ti”. (D&C 18:2–5; grifo do autor) Assim, O Livro de Mórmon contém os ensinamentos fundamentais da Igreja restaurada de Jesus Cristo, como o próprio Senhor testificou.

A seção 20 menciona várias vezes O Livro de Mórmon. Algo significativo é o fato de que a revelação para organizar formalmente a Igreja só foi dada depois da tradução e publicação do Livro de Mórmon. Após confirmar que Joseph Smith e Oliver Cowdery haviam sido devidamente chamados por Deus e autorizados a organizar e liderar a Igreja, o Senhor declarou:

“[Deus] deu-lhe [ao Profeta Joseph Smith] poder do alto, pelos meios que haviam antes sido preparados, para traduzir o Livro de Mórmon;

Que contém um registro de um povo decaído e a plenitude do evangelho de Jesus Cristo aos gentios e também aos judeus;

O qual foi dado por inspiração e é conferido a outros pelo ministério de anjos, sendo por eles [as Três Testemunhas] proclamado ao mundo —

Provando ao mundo que as santas escrituras são verdadeiras e que Deus inspira a homens e chama-os para sua santa obra, nesta época e nesta geração, assim como em gerações passadas;

Mostrando assim que ele é o mesmo Deus ontem, hoje e para sempre. (. . .)

Portanto, tendo tão grandes testemunhas [Joseph Smith, as Três Testemunhas, as Oito Testemunhas e até mesmo os homens que compilaram O Livro de Mórmon], por elas será julgado o mundo, tantos quantos daqui em diante tiverem conhecimento desta obra [O Livro de Mórmon].

E os que a receberem com fé e agirem retamente receberão uma coroa de vida eterna.” (D&C 20:8–14)

Na seção 84, o Senhor fez outra referência significativa e uma advertência aterradora em relação ao Livro de Mórmon. Em 1832, o Senhor disse aos santos:

“E em tempos passados, vossa mente escureceu-se por causa da descrença e porque tratastes com leviandade as coisas que recebestes —

Vaidade e descrença essas que levaram toda a igreja à condenação.

E essa condenação encontra-se sobre os filhos de Sião, sim, sobre todos.

E eles permanecerão sob essa condenação até que se arrependam e se lembrem do novo convênio, sim, o Livro de Mórmon e os mandamentos anteriores que lhes dei, não somente por palavras, mas agindo de acordo com o que escrevi.” (D&C 84:54–57; grifo do autor)

Em várias ocasiões, o Presidente Ezra Taft Benson desafiou os membros da Igreja a estudarem, usarem e seguirem os preceitos do Livro de Mórmon para libertarem-se dessa mesma condenação pronunciada sobre os santos dos últimos dias dos primórdios da restauração. (Ver *A Witness and a Warning* [1988], pp. 6–8.)

CONCLUSÃO

Não há dúvidas de que o Senhor disse muito acerca do Livro de Mórmon em Doutrina e Convênios. Esses dois volumes de escrituras são de fato testemunhas inseparáveis e vigorosas da divindade de Cristo e de Sua grandiosa obra dos últimos dias. O Presidente Benson explicou a importante relação entre esses dois livros sagrados:

“Excluindo as testemunhas do Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios é sem dúvida a maior testemunha

O Senhor ordenou aos santos que “[se lembrassem] do novo convênio, sim, o Livro de Mórmon (. . .), não somente por palavras, mas agindo de acordo com o que [escreveu]”.

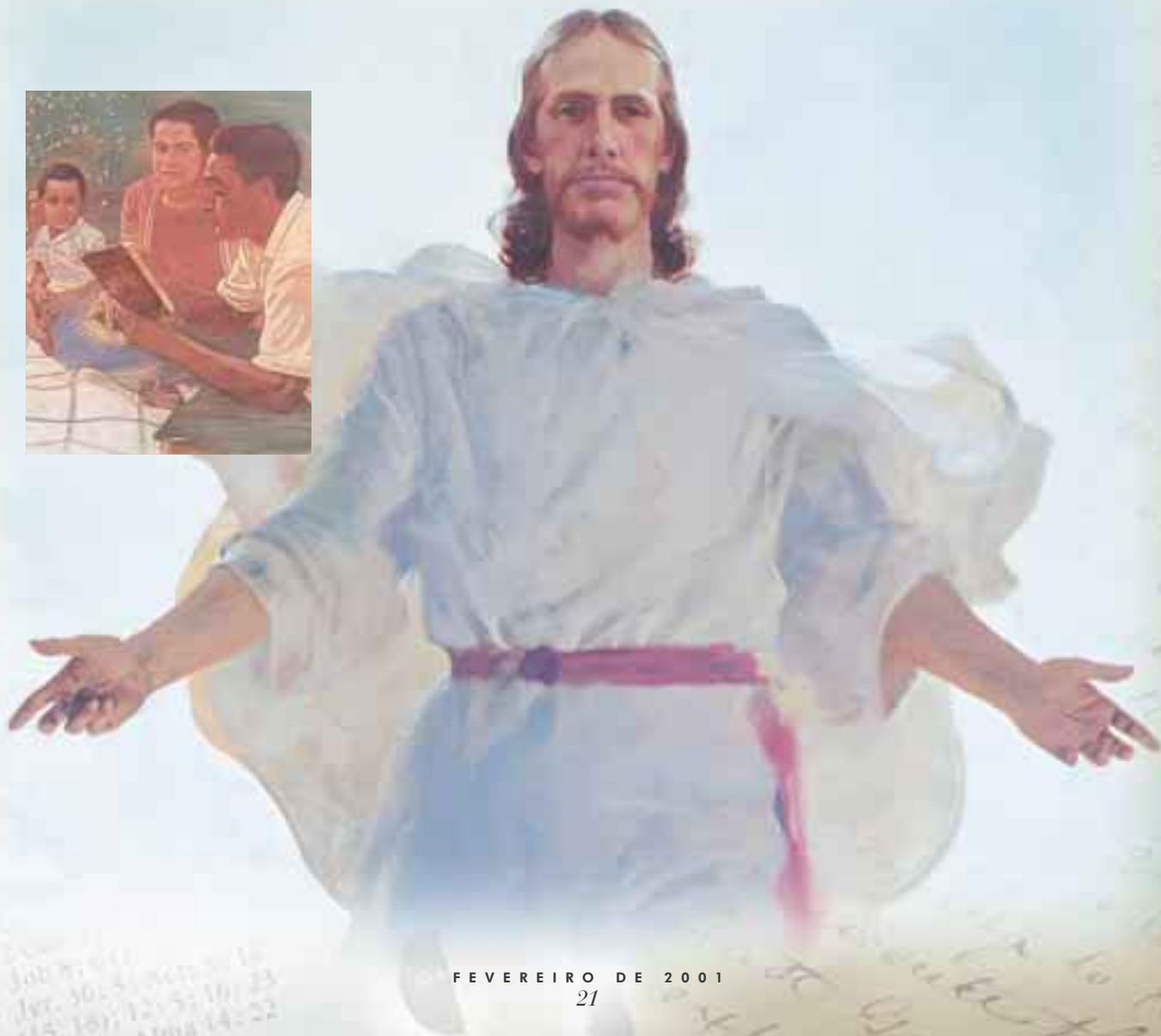
e evidência da veracidade do Livro de Mórmon que temos do Senhor. (...)

Doutrina e Convênios é o elo que liga o Livro de Mórmon à contínua obra da restauração, por meio do Profeta Joseph Smith e seus sucessores. (...)

O Livro de Mórmon leva os homens a Cristo. Doutrina

e Convênios leva os homens ao reino de Cristo. (...)

O Livro de Mórmon é a pedra fundamental de nossa religião, e Doutrina e Convênios é a pedra de cúpula, com contínua revelação moderna. O Senhor após seu selo aprovador tanto à pedra fundamental como à pedra de cúpula.” (A *Liahona*, julho de 1987, pp. 83–84) □



DETALHE DA SEGUNDA VINDA, DE HARRY ANDERSON; DETALHE, PINTURA DE ROBERT T. BARRETT



ILUSTRAÇÃO DE FOTO FEITA POR JED CLARK

Por Que Nosso Pai Celestial, Tão Amoroso, Permite que Coisas Ruins Aconteçam com Pessoas Inocentes?

Perguntas respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamientos doutrinários da Igreja.

RESPOSTA DE A LIAHONA

Nossa estada na Terra inclui experiências desagradáveis como enfermidades, solidão, acidentes, calamidades, injustiça e morte. A vida nem sempre parecerá “justa”.

A maioria de nós já perguntou em um momento ou outro por que Deus permite que aconteçam coisas ruins com pessoas inocentes. É o evangelho que nos ajuda a compreender a necessidade da oposição. Se compreendermos o plano de salvação e encararmos nossas experiências com uma perspectiva eterna, compreenderemos e aceitaremos as lições da mortalidade como necessárias para o crescimento espiritual. Reconhecemos que somos abençoados com o arbítrio de escolher como reagir a essas lições.

Em 1995, o Élder Spencer W. Kimball, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, respondeu a essa pergunta num discurso intitulado “Tragédia ou Destino?” O Élder Kimball enumerou diversas tragédias e depois fez as seguintes perguntas:

“Será que foi o Senhor que dirigiu

o avião de encontro à montanha para pôr fim à vida dos passageiros ou houve defeitos mecânicos ou falhas humanas?

Será que foi o Pai Celestial que causou a colisão dos carros que levou seis pessoas para a eternidade ou foi culpa do motorista que ignorou as normas de segurança?

Será que foi Deus que tirou a vida da jovem mãe, atirou a criança no canal e conduziu a outra criança para a frente do carro?

Será que foi o Senhor que levou o homem a sofrer um ataque de coração? A morte do missionário teria sido prematura?” (*Faith Precedes the Miracle* [1972], p. 96)

Então, ele continuou:

“Respondam, se puderem. Eu não posso, pois embora eu saiba que Deus desempenha um papel primordial em nossa vida, não sei até que ponto ele provoca ações ou meramente as permite. Ainda que eu desconheça a resposta para essa pergunta, há outra indagação da qual tenho certeza.

O Senhor poderia ter evitado essas tragédias? A resposta é afirmativa. Ele é onipotente, com todo poder para controlar nossa vida, livrar-nos de dores, evitar todos os acidentes, conduzir em segurança todos os aviões e carros, alimentarnos, proteger-nos, poupar-nos de trabalho penoso, esforços, doenças e mesmo a morte, se Ele assim desejar. Entretanto, não o faz. (. . .)

A lei básica do evangelho é (. . .) o arbítrio e o progresso eterno. Se Ele nos forçasse a ser cuidadosos ou dignos, anularia essa lei fundamental e impossibilitaria o crescimento. (. . .)

Se considerássemos a vida mortal a totalidade da existência, as dores, fracassos e morte precoce seriam uma calamidade. Mas se encararmos a vida como algo que começou há muito no passado pré-mortal e vai prolongar-se por toda a eternidade, então todas as coisas que nos acontecerem poderão ser compreendidas com a perspectiva correta.

Assim, não seria sábio que Ele nos desse provações para superarmos,

responsabilidades para desempenharmos, trabalho para fortificar nossos músculos, tribulações para provar nossa alma? Não deveríamos ser expostos às tentações para testar nossa força, às enfermidades para aprendermos paciência, à morte para sermos imortalizados e glorificados?

Se todos os doentes por quem orássemos fossem curados, se todos os justos fossem protegidos e os iníquos exterminados, todo o programa do Pai seria anulado e os princípios básicos do evangelho, (...) como o arbítrio, seriam destruídos. Ninguém precisaria viver pela fé.

Se a alegria, a paz e as bênçãos fossem concedidas instantaneamente a quem fizesse o bem, não haveria o mal — todos fariam o bem, mas não pelo motivo correto. Nossa força não seria provada, não desenvolveríamos o caráter, nosso poder não cresceria, (...) não haveria arbítrio, apenas controle satânico.

Caso todas as orações fossem respondidas imediatamente de acordo com nossos desejos egoístas e compreensão limitada, haveria pouco ou nenhum sofrimento, tristeza, decepção ou mesmo morte. E se isso não existisse, tampouco haveria alegria, sucesso, ressurreição, vida eterna nem deidade.” (*Faith Precedes the Miracle*, pp. 96–97)

É verdade que algumas pessoas culpam o Pai Celestial por não evitar que coisas ruins sobrevenham a nós e nossos entes queridos. Algumas até se tornam amargas.

Mas depois que atravessarmos os portais da morte e virmos tudo com a perspectiva eterna, certamente O louvaremos por Sua misericórdia, amor e sabedoria por permitir precisamente aquelas experiências, cujo propósito foi ajudar-nos a atingir nosso potencial eterno e tornar-nos como Ele é.

RESPOSTAS DOS LEITORES

Todos nós passamos por sofrimentos, e eles nem sempre resultam do pecado. Às vezes, têm um objetivo maior — em parte, ajudar-nos a aprender. Nosso Pai Celestial amamos com perfeição. Ele conhece nossos pontos fracos e fortes. Sabemos que esta vida é um momento de preparação, aprendizado e progresso. Tudo o que precisamos fazer é perseverar com fidelidade, confiando no Senhor, trabalhando diligentemente para superar nossas dificuldades e sem murmurar contra Ele.

*Ruben C. dela Cuadra,
Ala Narvacan,
Estaca Narvacan Filipinas*

Quando considerarmos as dificuldades ou tribulações como degraus para regressarmos a nosso lar celestial, vamos enfrentar essas adversidades com coragem e sabedoria, buscando forças e orientação no Senhor. Teremos fé e acreditaremos que receberemos consolo e recompensas seja nesta vida ou na vindoura.

*Rei Cheng Tsai,
Ramo P'ingtung,
Distrito P'ingtung Taiwan*



Ruben C. dela Cuadra



Rei Cheng Tsai



Ivonete Macedo de Almeida



Franck William N'Sondi



Nelfa Awing Gumarang



Stella 'Ajilong

Deus permite que se use o arbítrio para que caso uma pessoa prejudique um inocente, ela seja julgada pelo que fez e o ofendido receba a restituição no devido tempo, ainda que só na vida vindoura.

No entanto, quando algo ruim acontece com uma pessoa inocente devido a uma catástrofe natural, pode haver também um propósito divino. Talvez seja para alertar-nos sobre algo, talvez um teste de nossa fé ou uma oportunidade de servirmos ao próximo.

*Ivonete Macedo de Almeida,
Ala Jardim Maria do Carmo,
Estaca São Paulo Brasil*

Os santos dos últimos dias têm a bênção de conhecer os propósitos e objetivos do plano de salvação. Também sabemos que nossas tribulações, perseguições e adversidades são um trampolim que pode elevar-nos até Deus. O hino “Vinde, Ó Santos” (Hinos, 20) contém a resposta à seguinte pergunta: Por que haveríamos de desanimar quando sabemos que a felicidade eterna nos aguarda?

*Franck William N'Sondi,
Ramo Ouenze,
Distrito Brazzaville República do Congo*

Foi muito difícil para minha família quando meu pai morreu alguns anos atrás. Eu orava fervorosamente ao Senhor e perguntava-Lhe o que fizéramos para merecer tal infortúnio. Então, o Espírito Santo assegurou-me que a morte de meu pai serviria para fortalecer nossa fé em

Jesus Cristo. Devemos sempre lembrar que as adversidades podem fortalecer-nos e fazem parte do plano onisciente do Pai Celestial.

*Nelfa Awing Gumarang,
Ramo Tuao,
Missão Filipinas Ilagan*

Às vezes nosso Pai Celestial permite que inocentes sejam mortos para que entrem em Seu repouso e para que Seus juízos recaiam sobre os iníquos. (Ver Alma 60:13.) Ele prometeu que aqueles que morrerem Nele “não provarão a morte, porque lhes será doce”. (D&C 42:46)

*Stella 'Ajilong,
Ramo Kololo,
Distrito Kampala Uganda*

Ajude a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS respondendo à pergunta abaixo. Envie sua contribuição de modo a chegar ao destino antes de 1º de abril de 2001. Escreva para QUESTIONS AND ANSWERS 04/01, Liahona, 50 East North Temple Street, Floor 25, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA ou mande um e-mail para CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org.

Datilografe ou escreva legivelmente em seu próprio idioma. Não deixe de colocar seu nome completo, endereço, ala e estaca (ou ramo e distrito). Se possível, envie também uma fotografia sua, que não será devolvida. Publicaremos uma seleção de respostas que represente todas as recebidas.

PERGUNTA: O que podemos fazer ao ouvirmos conversas inadequadas na escola?

VESTIR TODA A ARMADURA DE DEUS

“É hora de dedicar-nos completamente ao Mestre e permitir que Ele nos conduza a campos frutíferos, onde poderemos enriquecer um mundo cheio de trevas e miséria”, disse a irmã Mary Ellen Smoot, Presidente Geral da Sociedade de Socorro. “Cada uma de nós, seja quem for, precisa erguer-se e aproveitar ao máximo as oportunidades que surgirem. Precisamos seguir o conselho que nos foi dado pelo Senhor e Seus servos e tornar nosso lar uma casa de oração e um porto de segurança e paz. Podemos e precisamos aprofundar nossa fé, aumentando nossa obediência e sacrifício.” (“Alegra-te, ó Filha de Sião”, *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 114.)

Às vezes, pode parecer difícil manter-se acima dos padrões mundanos e viver em retidão, mas ao lutarmos para “[tomar] toda a armadura de Deus”, “[poderemos] resistir no dia mau”. (Efésios 6:13)

COMO VESTIR A ARMADURA DE DEUS

O Presidente N. Eldon Tanner (1898–1982), Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, observou que “os que se revestiram dessa [armadura], que significa guardar todos os mandamentos de Deus, são capazes de resistir ao adversário”.

Ele continuou, dizendo: “Estamos estudando as escrituras, de modo que possamos aumentar nosso conhecimento, fé e testemunho com respeito ao evangelho? (...) Somos honestos e verdadeiros em nossos negócios? Santificamos e guardamos o Dia do Senhor? Observamos a Palavra de Sabedoria? Pagamos um dízimo honesto? (...) Somos virtuosos, limpos e puros de coração, mente e atos?

Lutamos contra os males que nos circundam? (...) Temos a coragem de defender nossas convicções? Podemos verdadeiramente dizer que não nos envergonhamos do evangelho de Cristo? Vivemos em paz com nossos vizinhos e evitamos os mexericos e maledicências, e o espalhamento de boatos? Amamos, de fato, nosso próximo como a nós mesmos?

Se pudermos responder sim a essas perguntas, então estaremos

revestidos de toda a armadura de Deus, que nos protegerá dos perigos e nos preservará contra nossos inimigos”. (“Revesti-vos de Toda a Armadura de Deus (. . .)”, *A Liahona*, outubro de 1979, pp. 73–74.)

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL DIÁRIA

A irmã Lucile Johnson, da Ala I de Timpanogos Park, Estaca Orem Utah, agora por volta dos 80 anos, aprendeu cedo na vida a vestir sua “armadura” espiritual no começo do dia. Ela lembra-se de que levantava cedo, antes do marido e das crianças. “Descobri que me ajoelhando na quietude da minha sala de visitas, poderia pedir ao Pai que me ajudasse no que fosse necessário durante o dia. Isso me trazia muita paz e eu sentia que Ele era meu auxílio e proteção. Em seguida, eu abria as escrituras para receber inspiração e orientação. Antes de levantar-me, depois de orar, para começar quaisquer que fossem meus afazeres, quer fosse sozinha, com os filhos pequenos ou adolescentes ou com meu marido servindo nas forças armadas ou lutando na guerra, eu sabia que poderia enfrentar as dificuldades.

É por isso que acredito que vale a pena aproveitar a quietude das primeiras horas da manhã para estudar e orar. Você começa o dia renovando o espírito; depois está pronta para enfrentar qualquer coisa.” □



COMPARTILHAR O EVANGELHO COM O PAI

Sheila R. Woodard

Meu pai foi criado no leste dos Estados Unidos. Minha mãe foi criada em um lar de santos dos últimos dias em Utah. Eles se conheceram enquanto trabalhavam na Califórnia e namoraram vários meses. Quando meu pai se mudou de volta para a casa de seus pais, ficou com saudades

de minha mãe e disse-lhe que a queria perto dele. Quase não havia percebido como sua decisão de casar-se com um membro da Igreja afetaria o resto de sua vida.

Tanto minha mãe como meu pai amavam suas respectivas famílias e por isso foi difícil para eles decidirem onde iriam morar.



Quando meu irmão e eu éramos pequenos, nossa família mudou-se de Utah para a costa leste várias vezes e de volta para Utah. Quando morávamos no leste, meu pai levava-nos de carro a uma cidade próxima para que pudéssemos ir às reuniões de um ramo da Igreja. Ele não se sentia à vontade em entrar conosco e ficava esperando no carro.

Quando fazia tempo bom procurávamos uma árvore que desse sombra abundante depois da reunião e meu pai tirava a cesta de piquenique do carro. Enquanto comíamos, minha mãe incentivava meu irmão e eu a contarmos a meu pai o que havíamos aprendido na reunião sacramental.

Quando nos mudamos para o oeste para morar perto da família de minha mãe, íamos à Igreja com mais frequência. Embora não fizéssemos mais piqueniques, nossas refeições juntos em torno da mesa de jantar eram maravilhosas. Todos os domingos contávamos a meu pai o que havíamos aprendido na igreja.

Só quando meu irmão e eu ficamos mais velhos fomos perceber o quanto estávamos perdendo porque nosso pai não ia à igreja conosco. Percebemos que se quiséssemos que ele fosse conosco, teria que ser ensinado e batizado. Assim começaram nossos implacáveis esforços em compartilhar o evangelho com nosso pai. Mas quando os meses foram se transformando em anos, por vezes nos perguntávamos se ele seria batizado algum dia.

Quando eu tinha nove anos, ganhamos mais um irmão. Uma vez mais, meu pai ouviu todas as aulas da Primária à mesa do jantar. Nessa época, ele ia à igreja conosco de vez em quando. Ele até convidava os missionários para jantar conosco e recebeu as palestras. Mas nunca comprometeu-se a ser batizado.

Quando meu irmão mais velho foi chamado a servir como missionário, percebemos que nosso pequeno grupo de “missionários irmãos” iria ficar um tanto desfalcado. “Não se preocupem”, meu irmão tranquilizou-nos. “Vou continuar insistindo com ele lá do campo missionário.” Ele manteve a palavra. Em quase todas as cartas que mandava para casa, era cheio de entusiasmo missionário e fazia a pergunta de ouro. “Pai”, escrevia ele, “quando você vai ser batizado?” Mas apesar de meu pai ter recebido as palestras missionárias repetidas vezes, ele ainda não se sentia preparado.

Quando fiz 21 anos, recebi o chamado missionário para o Uruguai. Eu escrevia para casa todas as semanas e sempre incluía experiências missionárias positivas. Eu falava sobre os batismos que havíamos tido e perguntava: “Pai, quando você vai ser batizado?”

No dia em que completei 22 anos, recebi um cartão de aniversário com uma mensagem de minha mãe. “Seu pai está recebendo as palestras missionárias de novo”, escreveu ela. “Dessa vez ele se comprometeu a ser batizado!”

Daí em diante, toda vez que chegava uma carta de casa, tudo o que eu esperava era saber se meu pai havia sido batizado. Mas a notícia não chegava. E então recebi um curto bilhete de minha mãe: “Seu pai decidiu não ser batizado agora”. Meu coração ficou despedaçado. O que havia saído errado? Será que havia sido algo que eu escrevera em uma de minhas cartas que fizera meu pai desistir? Nos vários meses que se seguiram, orei muito por ele. Continuei escrevendo, incentivando-o a continuar em contato com os missionários.

Seis meses depois, recebi uma mensagem assustadora: “Você deve ligar para casa imediatamente”. Alarmada, corri com minha companheira até o posto telefônico de onde era possível fazer ligações internacionais. Uma telefonista instruiu-me a ficar esperando numa cabina telefônica enquanto ela fazia a chamada para mim.

Quando o telefone tocou, apanhei-o. Minha mãe estava na linha. “O que aconteceu?” perguntei, em pânico.

“Sheila”, respondeu ela, com uma voz entusiasmada e muito feliz, “seu pai foi batizado hoje. Ele acordou esta manhã e disse: ‘Quero ser batizado. Você ligaria para o bispo e perguntaria a ele se poderia fazer isso hoje?’ Então telefonei para o bispo e ele preparou tudo.” Meu irmão mais velho havia feito a ordenança na capela da ala ao meio-dia.

Enquanto minha mãe falava, meu temor dissipou-se e meu coração encheu-se de gratidão e alegria. Depois de tantos anos de trabalho, espera e orações, finalmente nos havíamos tornado uma família de membros completa. □

Sheila R. Woodard é membro da Ala 28 de Idaho Falls, Estaca Idaho Falls Idaho Central.





Palavras do Profeta Vivo

TODO RAPAZ UM MISSIONÁRIO

“Deve ser a ambição, o desejo e o anseio de todo rapaz desta Igreja sair pelo mundo como professor do evangelho eterno, como missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não sei para onde vocês vão (. . .), mas verão que será uma experiência extraordinária, maravilhosa. Vocês viverão perto do Senhor. Orarão como jamais oraram antes. Ensinarão e farão grandes coisas que abençoarão sua vida até o fim de seus dias.

Exorto-os a economizarem e prepararem-se para uma missão em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Pensem e sonhem a respeito e orem para isso.”¹

CASAR-SE DENTRO DA IGREJA

“Devemos casar-nos dentro da Igreja. Nossa vida será mais feliz e plena se o fizermos. (. . .) Assim, teremos as mesmas crenças e não discutiremos por causa da doutrina ou coisas semelhantes.”²

OPOSIÇÃO À IGREJA

“A oposição resulta da incompreensão. Quando conseguirmos passar às pessoas um melhor entendimento desta Igreja, seus motivos, sua história, suas práticas, suas percepções, essa oposição diminuirá,

mudará de natureza. Pode ser que continue, mas não seremos expulsos de Nauvoo nem forçados a atravessar o Missouri debaixo de neve ou nada parecido. Será um antagonismo diferente, talvez mais sofisticado e, em algumas circunstâncias, mais difícil de lidar.”³

PROMESSA DA VIDA ETERNA

“O Senhor, em Sua grande misericórdia e amor por nós, permitiu que fôssemos unidos sob a autoridade do santo sacerdócio num relacionamento que durasse mesmo após a morte, sobre o qual a morte não teria controle algum. Nenhum homem ou mulher influente do governo, líder militar, homem de negócios, educador ou profissional pode fazer esse tipo de promessa. Eles podem receber as mais elevadas honras dos homens, mas jamais terão domínio algum sobre o destino dos homens e mulheres quando atravessarem o véu da morte.”⁴

DIGNIDADE PARA IR AO TEMPLO

“Recebam a recomendação para o templo e nunca, nunca, enquanto viverem, pensem em algo, digam ou façam algo que venha a torná-los indignos dela. E se continuarem a preencher todos os requisitos para uma recomendação para o templo,

podem estar certos de que estarão seguindo o evangelho e fazendo o que o Senhor espera de vocês.”⁵

RECONHECER O SENHOR

“É muito importante que vocês não permitam que os louvores e a adulação do mundo lhes subam à cabeça. A bajulação é perniciosa. Jamais percam de vista o fato de que o Senhor os pôs onde vocês estão segundo Sua sabedoria, que nem sempre compreendemos. Reconheçam que tudo de bom que vocês realizam deve-se a Ele. Dêem-Lhe o mérito e a glória, sem se preocupar em recebê-los. Se o fizerem, tudo lhes irá bem e vocês terão amor pelas pessoas, um grande respeito por elas e tentarão realizar seus deveres e responsabilidades.”⁶

ACREDITEM EM SI MESMOS

“Acreditem em si mesmos. Creiam em sua capacidade de realizar coisas grandiosas, boas e de valor. Acreditem na natureza divina que possuem dentro de vocês, que vocês de fato são filhos de um Deus vivo. Há algo divino dentro de vocês, algo que sobressai, algo sublime, admirável e nobre. Ergam-se acima da sordidez e da imundície reinantes no mundo e caminhem por um plano mais elevado, com a cabeça erguida,

acreditando em si mesmos e em sua capacidade de praticar o bem no mundo e fazer a diferença.”⁷

O QUE O SENHOR ESPERA?

“O que o Senhor espera de nós como santos dos últimos dias? O que Ele espera de mim como membro da Igreja? Espera que eu mostre amor a Deus pela maneira que eu conduzir minha vida. Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, poder, mente e força e amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Ver Mateus 22:37–39.)

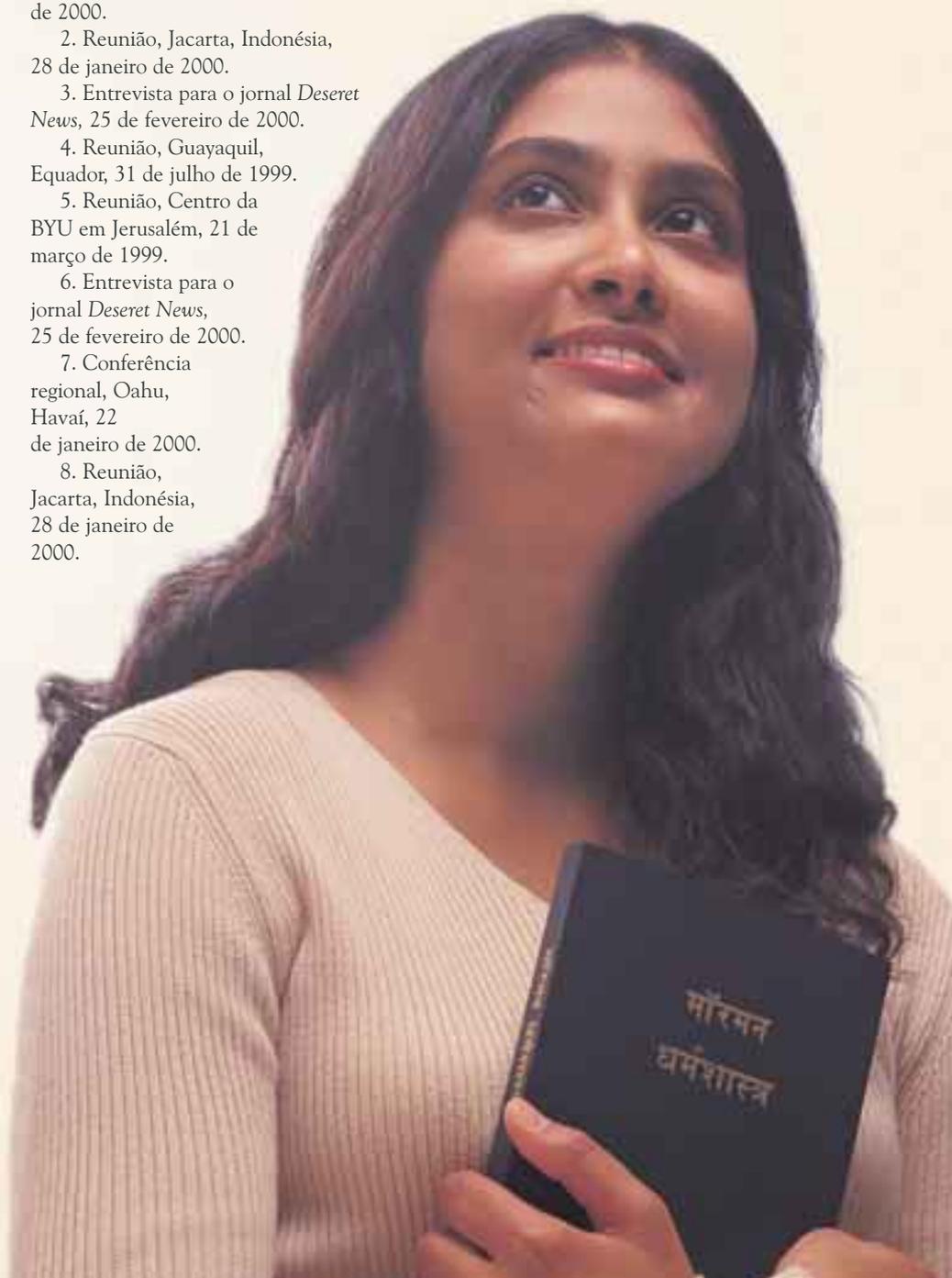
Não deve haver lugar no coração de um santo dos últimos dias para a amargura, a indelicadeza e a hostilidade para com qualquer dos filhos de Deus. Ainda que não sejam de nossa fé, temos a obrigação de tratá-los como filhos de nosso Pai Celestial.

Ele espera que desenvolvamos no coração e na vida um profundo amor pelo Senhor Jesus Cristo, o Salvador e Redentor do mundo. A expressão máxima disso será o serviço que prestarmos ao próximo.

Ele espera que todos sejamos membros fiéis da Igreja, façamos o que nos for pedido, sigamos avante, sirvamos onde quer que formos chamados e edifiquemos o reino no mundo.”⁸

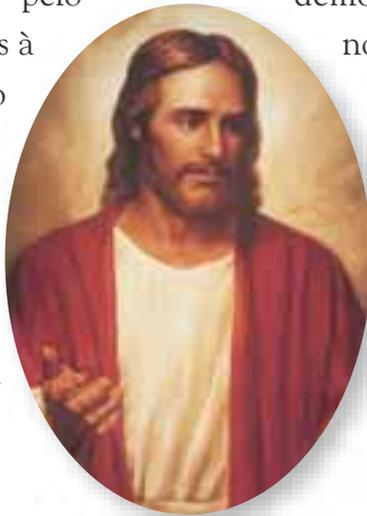
NOTAS

1. Reunião, Cingapura, 30 de janeiro de 2000.
2. Reunião, Jacarta, Indonésia, 28 de janeiro de 2000.
3. Entrevista para o jornal *Deseret News*, 25 de fevereiro de 2000.
4. Reunião, Guayaquil, Equador, 31 de julho de 1999.
5. Reunião, Centro da BYU em Jerusalém, 21 de março de 1999.
6. Entrevista para o jornal *Deseret News*, 25 de fevereiro de 2000.
7. Conferência regional, Oahu, Havaí, 22 de janeiro de 2000.
8. Reunião, Jacarta, Indonésia, 28 de janeiro de 2000.



Fazer o que o Senhor Espera de Nós

Somos filhos e filhas de Deus. Isso tem implicações muito profundas. Como há “algo divino em cada um de nós”, explica o Presidente Gordon B. Hinckley, temos o poder de “caminhar em um plano mais elevado (. . .), acreditando em [nós mesmos] e em [nossa] capacidade de agir para o bem do mundo e fazer algo digno de nota”. Nossa vida é motivada pelo conhecimento de que se vivermos à altura das expectativas que nosso Pai Celestial tem a nosso respeito, Ele cumprirá as promessas que nos fez. (Ver D&C 82:10.) 🍀 Mas, o que Ele espera de nós?



O Presidente Hinckley explica: “Ele espera que desenvolvamos em nosso coração e em nossa vida um profundo amor pelo Senhor Jesus Cristo, o Salvador e Redentor do mundo. A melhor maneira de fazer isso é por meio do serviço que prestamos ao próximo”. (“Palavras do Profeta Vivo”, *A Liahona*, fevereiro de 2001, pp. 28–29.) 🍀 Conforme demonstram as seguintes histórias, nosso amor pelo Salvador muitas vezes se manifesta de modo tranquilo e discreto, ao procurarmos fazer algo digno de nota, tanto na vida das outras pessoas quanto em nossa própria vida.

Como o Livro de Mórmon Me Encontrou

Kwame Opare

Há alguns anos, entrei em uma livraria em Kumasi, Gana. Ao percorrer as estantes, examinando um livro aqui, outro ali, encontrei um livro de capa azul claro, muito gasta e desbotada. O título era O Livro de Mórmon. Eu o apanhei, tirei o pó e li algumas frases. Não entendi o que li, e não consegui relacioná-lo à Bíblia. Mas enquanto o segurava, tive a impressão de que era um livro de escrituras. No entanto,

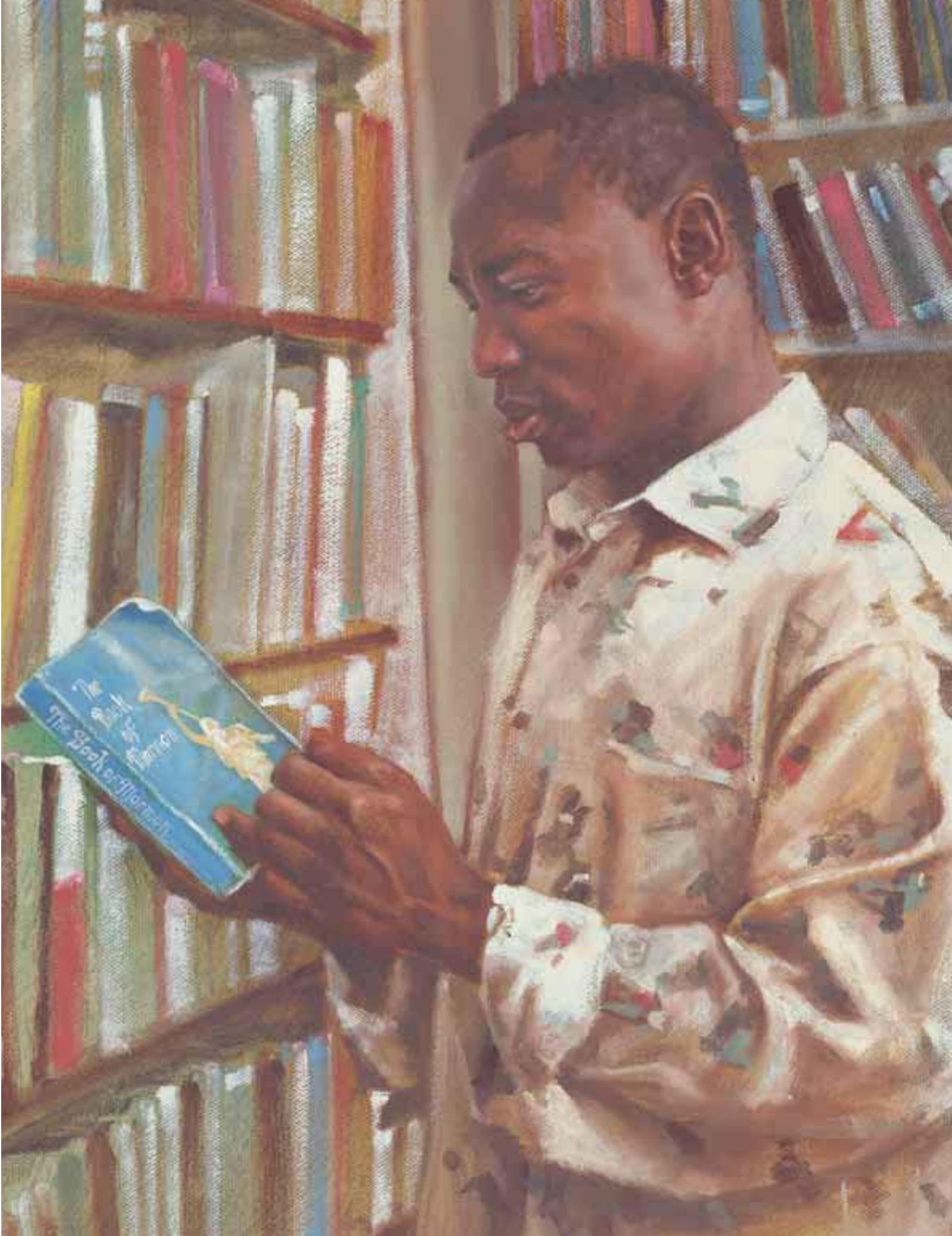
como fizera com os outros livros que examinara, coloquei-o de volta na estante e continuei a olhar outros livros.

Poucos minutos depois, voltei àquele mesmo setor da loja e novamente o livro azul me chamou a atenção. Dessa vez, olhei o sumário e descobri muitos nomes estranhos e desconhecidos. Pensei: *Se este é um livro de escrituras, porque não há nenhuma menção dele na Bíblia?*

Tentei ler alguns versículos, mas não os entendi. Como fizera antes, coloquei-o de volta na estante.

Olhei vários outros livros, até que, pela terceira vez, voltei ao Livro de Mórmon. Abri-o e encontrei um capítulo chamado Mosias. *Ele está na Bíblia? perguntei-me.* Meu conhecimento das escrituras começava e

Ao percorrer as estantes, examinando um livro aqui, outro ali, encontrei um livro de capa azul claro, muito gasta e desbotada. O título era O Livro de Mórmon.



The Book of the Month
The Book of the Month
The Book of the Month

terminava na Bíblia. Aquele livro azul me confundia. Senti como se houvesse uma batalha sendo travada dentro de mim. Nunca o tinha visto antes, mas senti que já o conhecia. Pouco depois, vi-me comprando o livro.

Por muitos anos, O Livro de Mórmon permaneceu em minha estante, sem ser lido. Tentei lê-lo algumas vezes, mas simplesmente não consegui sentir afinidade por ele.

Mais tarde, mudei-me de Gana para a Alemanha. Quando ali cheguei, comecei a procurar um local de adoração. Frequentei diversas igrejas, mas nunca me senti à vontade. Por fim, comecei a orar e jejuar para saber onde deveria adorar. Um mês inteiro se passou antes que eu recebesse a resposta.

Havia pessoas de diversos países morando em meu prédio. Entre eles, destacava-se um casal que às vezes visitava meu amigo. Não eram ricos, mas preocupavam-se conosco de várias maneiras. Certo dia, convidaram meu amigo a ir para a igreja com eles, e ele convidou-me a ir também. Perguntei: “A que igreja estamos indo?”

Ele respondeu que iríamos para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disse que iria com ele, desde que eles pegassem a respeito de Cristo.

O dia chegou, e fomos à Igreja. Olhei em volta em meio àquela multidão de pessoas desconhecidas. Minha primeira impressão foi uma sensação de calor humano e de que eu fazia parte daquele grupo. Também fiquei feliz por ver jovens ministrando o sacramento. Nunca

tinha visto nada assim em nenhum outro lugar.

Depois da reunião sacramental, as pessoas que estavam visitando pela primeira vez foram convidadas a assistir à aula de Princípios do Evangelho. O tema da aula daquele dia foi a natureza eterna das famílias. Fiquei muito emocionado com tudo o que ouvi. Senti que a aula passou muito rápido. Perguntei ao professor se ele iria continuar com o mesmo assunto na semana seguinte, e ele respondeu que sim. Decidi voltar no domingo seguinte.

A reunião seguinte era a do sacerdócio. A aula foi sobre a administração dos recursos financeiros da família. *Que igreja incrível!* pensei eu. *O evangelho e a administração do lar, tudo junto!*

Depois da reunião sacramental, o casal que nos levava à igreja, percebendo meu interesse, perguntou-me se eu gostaria de receber algumas aulas sobre o evangelho restaurado. “Claro”, disse eu. Então, enquanto desfrutava o espírito das reuniões daquele dia, lembrei-me de repente daquela loja em que tinha comprado um velho e gasto exemplar do Livro de Mórmon. O que havia acontecido naquela loja, algo que na época me pareceu pouco importante e ficou esquecido por tanto tempo, passou a ter um grande significado para mim.

Minhas aulas começaram e continuaram sem interrupção. Foi uma alegria aprender o evangelho com aquele casal de missionários. Eles me tratavam não apenas como um irmão, mas como um filho. As aulas terminaram, e fui batizado.

Refleti muito sobre esses dois

acontecimentos distintos porém relacionados entre si. Por que alguém entraria em uma loja, encontraria um livro velho com um título estranho, leria algumas frases que não conseguiu entender e depois compraria o livro? Isso faz algum sentido? Mesmo assim, creio que muito daquilo que a simples razão não pode explicar, na verdade, faz muito sentido para o Senhor. Ele prepara nosso caminho e, quando estamos prontos para receber Sua palavra, Ele nos conduz às pessoas certas e às situações certas. Frequentemente, muito antes de começarmos a procurar Deus, Ele está nos procurando.

Kwame Opare é membro da ala quatro de Munique, estaca Munique Alemanha.

A Caridade e o Bolo Cíclope

Nikki O. Nelson

Poucas semanas depois de meu marido ter morrido inesperadamente, voltei para casa do trabalho sentindo-me cansada e deprimida. Meus filhos me receberam à porta com duas notícias interessantes: Estávamos sem água (ela havia parado de correr no meio da noite), e em duas horas haveria um concurso de bolos para pais e filhos dos lobinhos, e eles precisavam de um bolo.

Quando entrei na cozinha, vi que a louça suja tinha-se multiplicado de modo alarmante. Mal havia espaço para fazer um bolo, e ainda precisávamos resolver o problema da falta de água!

Encontrei uma receita de bolo

simples e convoquei meu filho, contra a sua vontade, para dar as instruções a seu irmão mais novo. Depois, troquei de roupa, vasculhei o celeiro à procura de uma chave de cano e engatinhei para dentro do poço. Eu tinha visto meu marido consertar a bomba d'água diversas vezes, e não tinha dúvida de que em poucos minutos conseguiria fazê-la funcionar.

A tubulação parecia estar em ordem. Sacudi a caixa de força para afugentar os insetos e dei umas pancadinhas nela com a chave de cano. Nada. Chutei o cano. Nada. Machuquei o dedo tentando destarrachar o bocal para encher a bomba. Ele não cedia. Nada funcionava.

Devo ter passado uma hora dentro do poço tentando tudo o que pude imaginar. Comecei a entrar em desespero. *O que eu estava fazendo ali naquele buraco, martelando uma porcaria de uma bomba, quando devia estar em uma cozinha limpa e agradável, cumprindo meu papel de mãe? Por que meus filhos tinham que passar pela experiência da vida e de um concurso de bolos dos lobinhos sem o pai? Isso era justo?*

Sem conseguir resolver o problema da água, desisti e fui para a reunião, chegando atrasada. Sentei-me no fundo do salão, e os meninos levaram seu pequeno e lastimável bolo para a mesa colocada à frente do salão. Havia bolos em forma de chapéu de lobinho, bolos com árvores e pássaros, bolos com bandeiras patrióticas. E lá estava o nosso bolo. Meus filhos tinham-no decorado como se fosse um cíclope, com um grande olho feito de cobertura roxa e azul no meio do bolo. Eles tinham

acrescentando várias linhas tortuosas vermelhas, para parecer que o olho estivesse injetado.

Sentei-me no escuro, sentindo pena de mim mesma. Quando não consegui mais conter as lágrimas de frustração e autocomiseração, saí da sala e fui até o toailete.

Uma irmã da Sociedade de

Socorro que estava presente viu-me sair. Ela me seguiu, e antes que me desse conta contei-lhe toda a história. Ela colocou o braço em volta de mim, deu-me um abraço e depois

Teve início a venda dos bolos.

Meus meninos ficaram no palco, sorrindo e segurando o grotesco bolo com o olho de cíclope.



sugeriu alguns encanadores de confiança. *Encanadores?* Que boa idéia! Foi algo revolucionário para mim. Quando a água pára de correr em uma fazenda, você chama o seu marido, e ele mexe na bomba por algum tempo, e tudo fica bem. Nunca me passara pela cabeça a idéia de chamar um encanador! Percebi que não havia mal algum em tomar decisões que fossem um pouco diferentes do modo como meu marido fazia as coisas. Talvez as coisas dessem certo, afinal de contas.

No final da noite, começou a venda dos bolos. Meus meninos ficaram no palco, sorrindo e segurando o grotesco bolo com o olho de cíclope. Uma bondosa vovó acabou pagando uma quantia considerável por ele. Quando ela subiu ao palco para apagar o bolo, disse que não sabia exatamente o que aquele bolo devia ser, mas tinha realmente gostado das cores. Meus filhos, felizmente, apenas sorriram e ficaram de boca fechada.

Aquelas duas mulheres maravilhosas conheciam a caridade. De modo muito simples, elas viram alguém em necessidade e espontaneamente deram um passo a mais para atender a essa necessidade. Provavelmente elas diriam que foi algo muito pequeno; duvido que sequer se lembrem do que aconteceu. Mas não foi algo pequeno para mim.

Jesus Cristo deu-nos o exemplo. Ele ensinou-nos a caridade. Ele percebia as necessidades daqueles que amava, e Ele nos ama a todos. Ele nos ensina a percebermos também as necessidades uns dos outros, a

amarmos, consolarmos e ajudarmos uns aos outros. Creio que isso é parte do motivo pelo qual estamos aqui nesta vida.

Naquele dia, aprendi que quando colocamos em prática a caridade, muitas vezes as pequenas coisas podem fazer uma grande diferença.

Nikki O. Nelson está servindo na Missão Austrália Brisbane.

Senti-me Consolado, Mas Por Quê?

Alan L. Olsen

Em 1980, eu estava servindo como missionário na Missão Filipinas Cebu, quando fui transferido para uma cidade chamada Ormoc. Aquele distrito normalmente mostrara um crescimento contínuo, mas por vários meses tinha havido poucos batismos.

Cheguei em Ormoc em 28 de outubro e encontrei meu novo companheiro, o élder Alexander. As primeiras semanas foram extremamente infrutíferas para nós. Marcamos bem poucas palestras e quase não conseguimos referências. Apesar de trabalharmos bastante e orarmos para encontrar pessoas para ensinar, tivemos bem pouco sucesso. Lembro-me de ter orado pedindo orientação e recebido a confirmação de que o Senhor estava preparando pessoas para ensinarmos.

Em 15 de novembro, o élder Alexander e eu estávamos batendo em portas no Barrio Isla Verde, uma comunidade localizada em uma pequena ilha do rio Ormoc. Para chegarmos até lá, tivemos que cruzar um trecho raso de 23 metros do rio,

pulando de pedra em pedra, o que por si só já fora um grande feito. Os moradores locais, porém, faziam aquele trajeto com muita facilidade.

Enquanto estávamos ali, conhecemos Petronilo e Andrea Ygonia e seu neto Allan Suetto Sungahid. Eles aceitaram nosso convite de realizar uma reunião familiar em sua casa. Aquela noite foi o início de uma bela amizade. Depois de alguns jogos, apresentamos a mensagem do evangelho e prestamos nosso testemunho.

Continuamos visitando aquela família por duas semanas. Foi emocionante ver como o rosto daquelas pessoas começava a brilhar. No final de novembro, os três aceitaram o compromisso de serem batizados no mês seguinte.

Nunca me esquecerei da lição que aprendemos na casa dos Ygonias em 2 de dezembro. O irmão Loa, o líder da missão da ala, foi conosco para uma reunião com os vizinhos da família Ygonias. Mais de 30 vizinhos tinham aceitado o convite da família Ygonias para ouvirem a primeira palestra. Quando prestamos testemunho, o Espírito era tão forte que creio que todos os presentes se sentiram tocados.

Explicamos que aquele calor e paz que todos estavam sentindo era a presença do Espírito Santo. Movidos pelo Espírito, convidamos todos na sala a continuarem a pesquisar a Igreja e a aceitarem o batismo. Todos os 30 vizinhos aceitaram o convite.

O irmão e a irmã Ygonia, o neto e sete outras pessoas foram batizados em dezembro. O trabalho em Ormoc tinha começado a prosperar novamente, em grande parte devido à fé

daquela boa família. Pouco depois, fui transferido de Ormoc. Embora tivesse passado apenas seis semanas ali, foram a melhor época da minha vida. Nunca trabalhei tão arduamente por uma causa tão digna. Nunca me senti tão próximo do Senhor. Durante as seis semanas em que servi ali, o Senhor permitiu-me ensinar e batizar nove almas, e outros trinta estavam-se preparando para o batismo.

Onze anos depois, em novembro de 1991, eu estava trabalhando em meu escritório, quando subitamente tive um forte sentimento de paz e

A família Ygonia aceitou nosso convite de realizar uma reunião familiar. Aquela noite foi o início de uma bela amizade.

amor. Tive a sensação de que alguém tinha morrido, mas não fazia idéia de quem teria sido. Liguei para minha mulher, Susan, em casa, e perguntei se tudo estava bem. Ela me assegurou que sim, mas continuei sentindo a mesma coisa.

Naquela noite, senti-me movido a apanhar um de meus diários. Abri o diário nas páginas em que havia registrado minhas experiências em Ormoc. Enquanto lia, senti o Espírito cada vez mais forte, e meus olhos se encheram de lágrimas. Pensei nas maravilhosas pessoas que eu tinha visto aceitar o evangelho naquele lugar. Será que aqueles fortes sentimentos estariam relacionados à minha experiência em Ormoc?

Mais tarde naquele mês, li a respeito de um tufão devastador que

tinha passado por Ormoc. Vinte e dois membros da Igreja haviam morrido nas inundações. Entre eles estavam o irmão e a irmã Ygonia e seu neto Allan. Vi também o nome de outras pessoas que conheci enquanto servia em Ormoc. Novamente o conhecido sentimento de calor e paz do Consolador entrou em meu coração, e compreendi por que tinha sentido Sua influência antes.

Embora eu sentisse grande pesar pela morte daquelas pessoas, sabia que elas tinham voltado para a presença de nosso Pai Celestial, onde irão continuar o trabalho que começaram aqui na Terra. □

Alan L. Olsen é membro da ala Centerville, estaca Premont Califórnia.



Theresia Mangels, uma viúva idosa, morava sozinha num apartamento no norte da Alemanha. Certa noite ela ouviu uma batida na porta e abrindo-a encontrou

LINHA SOBRE LINHA

Antes de Nascer



dois jovens. Ao lembrar-se de que ainda possuía um livro que seus colegas haviam deixado anos antes, convidou-os a entrar e então foi à procura do livro. Quando tentou devolvê-lo, eles sorriram e recusaram-se a levá-lo, dizendo a ela que na verdade o livro era de outra igreja. Eles eram da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, disseram, e perguntaram se poderiam dar-lhe uma importante mensagem. Ela estava sentindo-se um pouco só e, além disso, eles eram jovens tão agradáveis! Concordou em ouvi-los.

Naquela noite eles ensinaram-na sobre alguém chamado Profeta Joseph Smith, mas a mensagem a deixara confusa. Visões, placas de ouro e anjos — tudo parecia muito estranho. Eles perguntaram se poderiam voltar numa outra ocasião e ela quase disse não. Entretanto, decidiu dar a eles mais uma oportunidade.

Quando eles voltaram, disseram que iriam ensiná-la sobre o propósito da vida e o plano de salvação de Deus. Parecia interessante! E então começaram a falar sobre algo que ela nunca tinha ouvido antes: uma existência pré-mortal onde todos vivíamos com Deus. Foi como se uma luz se acendesse em sua alma. Essa doutrina era verdadeira. Ela sentia isso. E isso explicava muitas coisas sobre as quais ela havia pensado, mas sua igreja nunca tinha sido capaz

de esclarecer. Desse ponto em diante, tudo o que os missionários ensinavam fazia sentido, e quando eles convidaram-na para ser batizada, ela aceitou com entusiasmo.

O Élder Boyd K. Packer, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou: “A vida não faz sentido sem o conhecimento da doutrina da vida pré-mortal.

A idéia de que a vida começa com o nascimento mortal é absurda. Se acreditarmos nisso a vida não tem explicação.

A noção de que a vida termina com a morte é ridícula. Não podemos enfrentar a vida, se pensarmos assim.

Quando compreendemos a doutrina da vida pré-mortal, então as peças se encaixam e tudo faz sentido”. (“O Mistério da Vida”, *A Liahona*, janeiro de 1984, p. 30.)

Sem um entendimento de nossa vida pré-mortal, não podemos compreender corretamente nosso relacionamento com nosso Pai Celestial, nem podemos atinar completamente com o propósito desta vida terrena. A mortalidade torna-se um quebra-cabeça onde faltam peças cruciais, e a nossa herança celestial parece ser um mistério, bem como nosso destino eterno. O Élder Packer disse: “Os cristãos antigos tinham conhecimento dessa doutrina da vida pré-mortal. Durante quase 500 anos, assim foi ensinada. Mais tarde,

porém, foi rejeitada como heresia por um clero que caíra em completa apostasia. Uma vez rejeitada, a doutrina da vida pré-mortal, o mistério da vida jamais poderia ser desvendado. Tornaram-se como um homem tentando enfiar um punhado de pérolas num cordão curto demais. Não há meio de juntá-las todas.” (A *Liahona*, janeiro de 1984, p. 28.)

Quando ganhamos a compreensão de que vivemos antes do nascimento e viemos a esta Terra para sermos provados e testados, a necessidade de um Salvador torna-se mais nítida. Mesmo as inquietantes perguntas sobre a desigualdade, as doenças e a incapacidade física tornam-se muito menos difíceis quando examinadas à luz da existência pré-mortal.

O Senhor não revelou muitos detalhes sobre a vida pré-mortal. Por exemplo, não sabemos como era a existência pré-mortal — o que fazíamos lá, quais leis e condições específicas prevaleciam, quanto tempo vivemos com nosso Pai Celestial, ou como foi de fato

a guerra nos céus. O que foi revelado, contudo, é suficiente para que cumpramos nosso propósito aqui na Terra. “Fatos essenciais foram revelados sobre nossa vida pré-mortal”, disse o Élder Packer. “Embora eles sejam incompletos, desvendam o mistério da vida.” (A *Liahona*, janeiro de 1984, p. 28.) Alguns desses fatos essenciais são os seguintes:

- Somos os filhos espirituais literais de Deus, e como tais temos o potencial de tornarmo-nos como Ele. (Ver Romanos 8:16–17; D&C 93:33–34.)

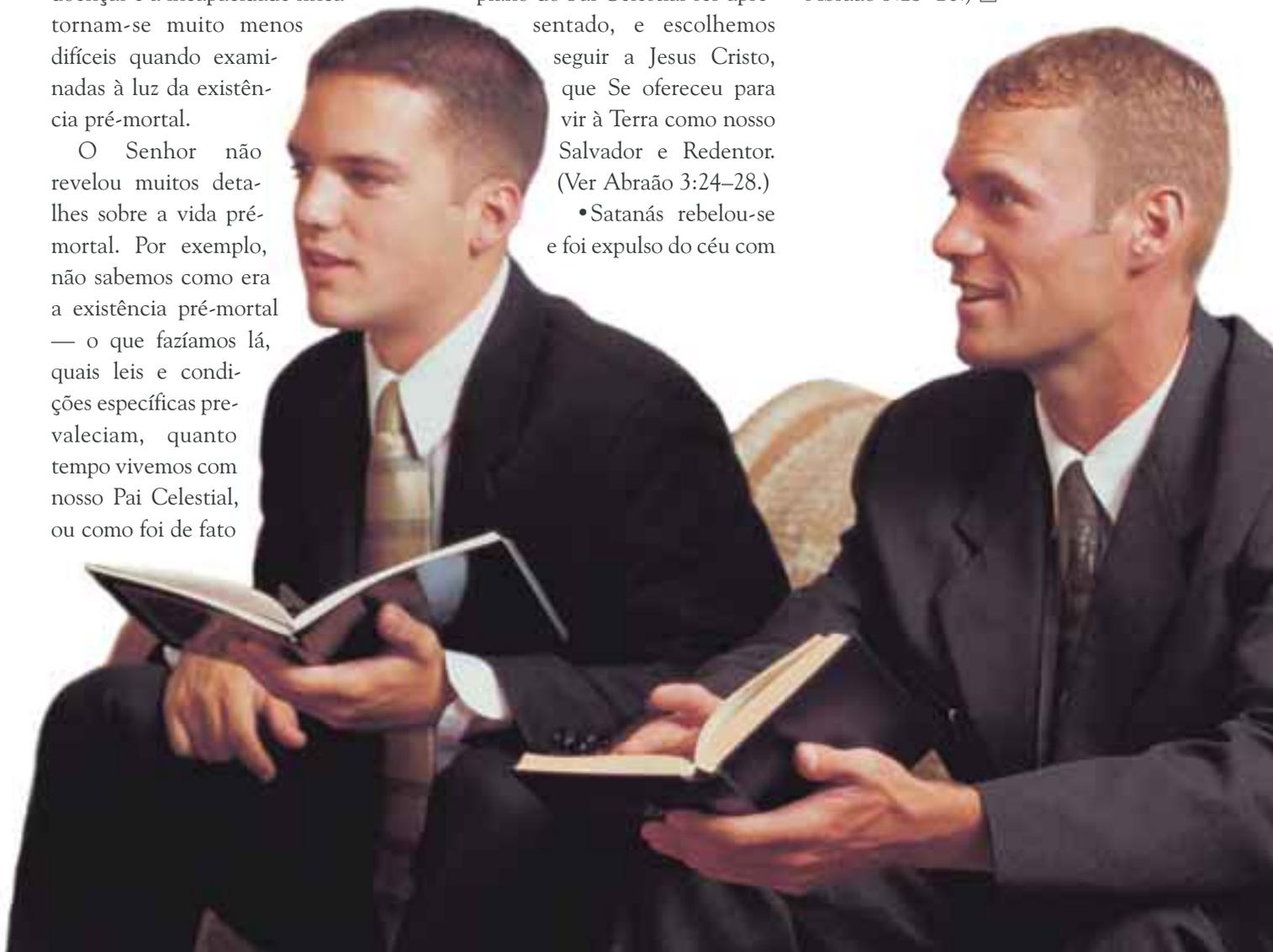
- Estivemos presentes a um Conselho nos Céus e ouvimos o plano do Pai Celestial ser apresentado, e escolhemos seguir a Jesus Cristo, que Se ofereceu para vir à Terra como nosso Salvador e Redentor. (Ver Abraão 3:24–28.)

- Satanás rebelou-se e foi expulso do céu com

“uma terça parte das hostes do céu”, e eles agora empenham-se com determinação diabólica para destruir nossa alma. (Ver D&C 29:36–39.)

- Viemos a esta vida terrena sem a lembrança de nossa existência anterior, mas viemos com qualidades e talentos individuais, bem como fraquezas que precisamos esforçar-nos para vencer. (Ver Éter 12:27; D&C 104:17; 138:55–56; Abraão 3:23.)

- A vida terrena não é o princípio ou o fim, mas representa tanto um teste quanto uma etapa crucial em nosso contínuo desenvolvimento. Nosso desempenho nesse teste molda o nosso futuro eterno. (Ver Abraão 3:25–26.) □



Joseph e Lucy Mack Smith foram os primeiros a ouvir acerca da visita de Deus o Pai e Jesus Cristo a seu filho Joseph Smith Júnior. A partir de então, sacrificaram tudo o que tinham pelo evangelho.

Primeiros Seguidores Fiéis

Donald L. Enders

ILUSTRADO POR PAUL MANN

Ao administrar as ordenanças relacionadas à investidura no Templo de Kirtland em janeiro de 1836, o Profeta Joseph Smith teve uma visão do reino celestial. Em busca de palavras para expressar “sua glória”, descreveu a “incomparável beleza” da porta que se assemelhava a “chamas de fogo circulantes”, as “belas ruas” e o Pai e o Filho assentados no “refulgente trono de Deus”. (D&C 137:1–4) Para sua grande alegria, viu também seu irmão Alvin, seu pai e sua mãe. (Ver D&C 137:5.)

Alvin morrera treze anos antes. Sua vida virtuosa, seu apoio à missão de Joseph e a obediência aos mandamentos explicam sua exaltação. Contudo, uma vez que os pais de Joseph ainda estavam vivos, como é que ele já os viu exaltados?

A resposta veio quando o Senhor continuou Sua explicação: “Pois eu, o Senhor, julgarei todos (. . .) segundo suas obras, segundo o desejo de seu coração”. (D&C 137:9)

Quais foram as obras e desejos de Joseph Smith Sênior e Lucy Mack Smith — esses primeiros seguidores fiéis do evangelho restaurado — que podem inspirar os santos dos últimos dias hoje em sua busca da glória celestial? Em poucas palavras, buscaram a verdade, encontraram-na e depois se agarraram a ela. (Ver Mateus 7:8.)

Na Nova Inglaterra, eles *buscaram* a verdade do evangelho. Em Nova York, *encontraram-na*. Em Ohio, Missouri e Illinois, *viveram* fielmente a verdade do evangelho, sem se eximir do sacrifício, da pobreza, dos sofrimentos físicos, do desprezo do mundo e da tristeza pela morte de entes queridos. Em todas as fases da vida,

ensinaram sinceramente os princípios do evangelho à família, prestaram serviço abnegadamente e testemunharam constantemente da bondade de Deus.

BUSCAR O EVANGELHO

Tanto Joseph Smith Sênior como Lucy Mack foram criados em lares religiosos e industriais da Nova Inglaterra. Joseph, nascido em 1771, filho de Asael e Mary Duty Smith de Topsfield, Massachusetts, era o terceiro de onze filhos. Lucy, nascida em 1775, em Gilsom, New Hampshire, foi a última dos oito filhos de Solomon e Lydia Gates Mack. Os pais de ambas as famílias ensinaram aos filhos seu dever para com Deus, o trabalho árduo, a unidade familiar, a leitura e a conduta condizente com o convívio social civilizado.

Ambas as famílias, como muitas da região, buscavam avidamente a verdade e levavam a sério o estudo da Bíblia e a oração, mas sentiam que o cristianismo tradicional se havia afastado da Bíblia. Assim, esperavam ansiosamente que a Igreja de Cristo fosse restaurada. O pai de Joseph Smith Sênior, Asael, acreditava que um profeta moderno nasceria entre seus descendentes. Lucy foi profundamente influenciada em sua infância e juventude pela bondade de sua mãe e de duas irmãs mais velhas que demonstraram fé inabalável, mesmo com doenças terminais prolongadas. Quando jovem, Lucy

Joseph Sênior foi para Palmyra, Nova York, antes de Lucy e dos filhos. Quando a família finalmente se reuniu, os filhos cercaram o pai e cobriram-lhe o rosto de lágrimas e beijos.



buscou uma "mudança de coração" que a aproximasse de Deus.

Aos dezenove anos, Lucy acompanhou seu irmão Stephen numa viagem de negócios a Tunbridge, Vermont, onde conheceu Joseph, na época com 23 anos. Um ano de amizade transformou-se em amor, e eles casaram-se em 24 de janeiro de 1796. Foi uma união promissora. Eles gozavam boa saúde, estavam cercados de parentes e amigos e tinham dinheiro guardado. De acordo com a cultura tradicional da Nova Inglaterra, essa prosperidade e aceitação social eram sinais de que estavam sendo favorecidos por Deus. Durante vinte anos, moraram em cidades próximas de Vermont e New Hampshire. Joseph e Lucy aprenderam a lição dura, porém importante, de que a vida não era tão simples assim.

Quando se mudaram para Palmyra, Nova York, em 1836, já haviam sido provados de todas as formas possíveis. Dois de seus dez filhos haviam morrido. Estavam empobrecidos devido às dificuldades econômicas do país e a um sócio desonesto. As condições climáticas adversas levaram à perda de três safras consecutivas. Lucy quase morreu de tuberculose, a mesma doença que matara duas de suas irmãs. Uma epidemia de tifo atingiu todos os filhos de Joseph e Lucy. A vida da pequena Sophronia só foi poupada depois que seus pais se ajoelharam ao lado de sua cama e renderam "súplicas fervorosas e angustiadas" ao Senhor. E o jovem Joseph, aos sete ou oito anos, teve uma infecção óssea — complicação que exigia uma intervenção cirúrgica quase mutilante. A boa reputação da família também sofreu reveses devido às inúmeras dificuldades que passaram, e eles foram "convidados" a retirar-se da cidadezinha de Vermont onde moravam para que a cidade não tivesse que lhes prestar assistência.

Também foi um período de fortalecimento espiritual. Quando Lucy foi desenganada devido à tuberculose, ela prometeu servir a Deus todos os dias de sua vida e buscar "a religião que lhe permitiria servi-Lo corretamente" mesmo se "obtida dos céus pela oração e fé". Ela foi curada e buscou fielmente essa religião ao longo das duas décadas seguintes, ainda sem saber que o próprio filho a apresentaria a ela. "Durante dias, meses e anos", incessantemente, "continuou a pedir a Deus (. . .) que revelasse (. . .) os tesouros ocultos de Sua vontade."

Joseph Sênior desconfiava da religião organizada e assim não acompanhou a esposa nessa busca pelas igrejas que ela visitou, mas isso não foi motivo de discórdia entre eles. Ela orava sinceramente para ser consolada e foi tranqüilizada por um sonho que lhe garantiu que Joseph Sênior aceitaria a verdade quando ela lhe fosse apresentada.

Lucy escreveu: "Passamos a reconhecer a mão de Deus que preservou nossa vida em meio às enfermidades, dores e problemas que tanto nos afligiram, mais do que se tivéssemos sempre desfrutado saúde e prosperidade". Eles perdoaram a seus devedores, saldaram suas dívidas e juntos foram atrás de melhores oportunidades no oeste do estado de Nova York.

Joseph Sênior foi para Palmyra antes de Lucy e dos filhos. Quando a família finalmente se reuniu, estavam praticamente sem dinheiro. Mas naquela ocasião, duas características importantes da família fizeram-se notar. A primeira era a indescritível felicidade de estarem juntos. Lucy escreveu que sentiu enorme alegria ao "voltar com os filhos para o cuidado e afeição de um marido e pai amoroso" e ver os filhos "cercarem o pai, pendurarem-se em seu pescoço e cobrirem-lhe o rosto de lágrimas e beijos e vê-lo retribuir os carinhos efusivamente". E a segunda era a forma de resolver os problemas em família. Lucy disse: "Nós nos sentamos e conversamos ponderadamente sobre qual curso seria melhor e como deveríamos conduzir nossos negócios". Joseph Sênior, Alvin e Hyrum trabalharam para pagar a terra. A fim de manter a casa e repor as provisões, Lucy, com o auxílio de Sophronia e das crianças menores, cuidavam das tarefas domésticas e vendiam as peças de artesanato feitas por Lucy. Eles também preparavam alimentos que o jovem Joseph vendia na cidadezinha num carrinho de mão caseiro.

ACHAR O EVANGELHO

O esforço conjunto da família melhorou muito suas condições materiais. Dois anos depois de chegarem a Palmyra como "estranhos, sem amigos, lar ou trabalho", escreveu Lucy, "conseguimos estabilizar-nos em nossa propriedade, numa casa aconchegante, confortável, ainda que humilde, construída e mobiliada com todo o carinho por nós mesmos".



Diante de problemas, a família Smith reunia-se em conselho. As decisões tomadas em conjunto permitiam que cada membro da família contribuísse para a solução.

A incessante sede de verdade espiritual de Lucy estava prestes a dar frutos. No início de 1820, seu filho Joseph, de quatorze anos, teve a Primeira Visão, em que viu o Pai e o Filho. Nessa ocasião, seus pecados foram perdoados, foi-lhe dito que não se filiasse a nenhuma igreja e que a plenitude do evangelho seria restaurada dentro em breve. Três anos depois, o mensageiro celestial Morôni anunciou a Joseph que ele fora escolhido pelo Senhor para trazer à luz um livro antigo que continha “a plenitude do evangelho eterno”. (Joseph Smith—História 1:34)

Morôni também instruiu Joseph a relatar a visita que recebera ao pai, e o fez. O pai acreditou plenamente, e Joseph recebeu o total apoio da família, incluindo os irmãos. “Estávamos convencidos de que Deus logo revelaria algo que satisfaria nossos anseios”, escreveu Lucy. “Regozijamo-nos nisso com grande alegria.”

Ela registrou um momento marcante para toda a

família, reunida perto da lareira depois de um dia de trabalho, ouvindo com a maior atenção o jovem Joseph narrar-lhes histórias do Livro de Mórmon. “Um doce espírito de união e felicidade adentrou nosso lar; não havia discórdia nem desarmonia que perturbasse nossa tranqüilidade. A paz reinava em nosso meio.” Lucy e Joseph Sênior deram-se conta de que esse tesouro era eterno, enquanto o mundo só tinha coisas vãs a oferecer.

Embora esse conhecimento fosse muito agradável, os sete anos entre a primeira visita de Morôni em 21–22 de setembro de 1823 e a organização oficial da Igreja em 6 de abril de 1830 foram um período de grandes testes para Joseph e Lucy. Eles adquiriram uma área de floresta em Manchester, Nova York, começaram a desmatar o terreno, levantaram uma casa de madeira, um estábulo, um celeiro e outras construções, plantaram um pomar e começaram a construir uma casa grande de vigas no estilo da Nova Inglaterra. Em 1830, a fazenda era considerada uma das melhores da região e reconhecida por sua “limpeza e arrumação”.

Um duro golpe foi a morte repentina de Alvin, apenas seis semanas depois da visita do anjo Morôni. A felicidade da família “ficou temporariamente comprometida”

e Joseph, Lucy e os filhos “entregaram-se por um tempo (. . .) à mais profunda tristeza”. Pouco depois desse revés, eles perderam o título da propriedade. Alvin ganhara dinheiro suficiente para efetuar todos os pagamentos, exceto o último, “depois de muito trabalho, sofrimento e fadiga”. Antes de sua morte, ele também havia começado a construção da nova casa de vigas da família. Quando a primeira proprietária morreu, houve um mal-entendido e, usando de má-fé, o carpinteiro contratado por eles para terminar a casa apoderou-se da escritura. Um senhor quase ajudou-os, comprando a terra e permitindo que morassem na casa e na fazenda nos quatro anos seguintes em troca do trabalho do filho Samuel.

Uma das lembranças mais pungentes de Lucy é sua angústia quando percebeu que a família iria perder a casa que o amado Alvin projetara com o único objetivo de oferecer conforto a ela e Joseph Sênior na velhice. “Fiquei aturdida e caí numa cadeira, quase inconsciente”, escreveu ela. Ela perguntou a Hyrum: “O que significa isso? (. . .) Como (. . .) é que tudo o que ganhamos nos últimos dez anos pode ser retirado de nós num instante?” Essa reação foi natural, mas quando eles tiveram que se mudar da casa três anos depois, ela disse a Oliver Cowdery, que estava partindo com eles: “Diante de mim vejo todas essas coisas que foram conquistadas para minha felicidade e custaram o trabalho de muitos anos. (. . .) Agora abduco de tudo em nome de Cristo e da salvação e oro a Deus para que me ajude a fazê-lo sem me queixar ou verter uma única lágrima. (. . .) Não vou lançar nenhum olhar de desejo em qualquer coisa que deixar para trás”.

Ela disse isso também em nome do marido. Eles abandonaram muito mais do que uma casa confortável. O ressentimento das pessoas estava aumentando muito por causa das experiências espirituais de Joseph. A maioria dos antigos vizinhos e amigos passou a evitá-los e alguns levantaram calúnias contra eles. Outros se aproveitaram, saquearam suas propriedades e impetraram processos judiciais contra eles pelos motivos mais frívolos.

Como mais uma demonstração de grandeza, Joseph e Lucy não se deixaram levar pela amargura nem pelo desejo de vingança. “Passamos a orar a Deus com fervor

ainda maior para que Joseph fosse devidamente instruído e preservado”, escreveu Lucy. Eles foram os primeiros a saber do chamado de Joseph Júnior e a aceitá-lo, lamentaram com ele a perda das primeiras 116 páginas do Livro de Mórmon e ajudaram a salvaguardar as placas, ouviram o depoimento das Três Testemunhas e estavam entre os primeiros a serem batizados. Joseph Sênior e dois filhos, Hyrum e Samuel, estavam entre as Oito Testemunhas.

Num momento memorável, Lucy ficou enlevada ao dar-se conta de que era “de fato a mãe de um profeta do Deus do céu — o instrumento honrado para realizar um trabalho tão grandioso”. Em outro momento inesquecível, seu filho profeta abraçou o pai logo depois de batizá-lo e exclamou: “[Glória a] meu Deus! Vivi para ver meu próprio pai batizar-se na verdadeira Igreja de Jesus Cristo!”

VIVER O EVANGELHO

A busca de Joseph e Lucy pela verdade religiosa, iniciada em sua juventude, estendera-se por 34 anos de casamento. Nos dez anos que Joseph Sênior ainda viveu até sua morte em 1840, eles trilharam com fidelidade o caminho da retidão, confiando que, caso servissem a Deus de todo o coração, se apresentariam sem culpa diante Dele no último dia. (Ver D&C 4:2.)

Joseph e Lucy nunca mais possuíram uma casa. Em Kirtland, moraram numa fazenda que fora posta à disposição de Joseph Júnior e ficava perto da cidade. Ali, eles davam abrigo e alimento físico e espiritual às multidões que estavam acorrendo a Kirtland, “exaurindo-se com trabalho excessivo”. Em Missouri, o Profeta Joseph Smith conseguiu uma hospedaria para eles e suas irmãs casadas administrarem em Far West. Em Nauvoo, quando Joseph Smith Sênior já estava na fase terminal de sua doença, eles moraram numa pequena casa perto da residência de Joseph Júnior. No entanto, suas circunstâncias difíceis não os impediram de cumprir seu convênio batismal de carregar os fardos uns dos outros e servir de testemunhas do evangelho. (Ver Mosias 18:8–9.)

Lucy tinha conhecimentos de enfermagem e Joseph também prestou grande apoio. Um vizinho de Palmyra elogiou-os, considerando-os “a melhor família das redondezas no tocante ao cuidado dos doentes. Um deles



A princípio, Lucy ficou angustiada ao perder sua casa, mas logo encontrou forças em sua fé. “Agora abduco de tudo em nome de Cristo”, disse ela. “Não vou lançar nenhum olhar de desejo em qualquer coisa que deixar para trás.”

estava em minha casa quase constantemente na época da morte de meu pai”. Em Far West, Lucy prontificou-se a tomar conta de “20 ou 30 doentes (. . .) por ocasião do ataque das turbas”. No início da colonização de Nauvoo, quando dezenas de crianças estavam morrendo de escorbuto, o Profeta Joseph e Hyrum “designaram sua querida mãe para trabalhar assistindo os enfermos”. Ela “passou vários meses em meio aos santos pobres e doentes”. Um jovem vizinho descreveu Lucy como “uma das mulheres mais nobres, que sempre ajudava os necessitados”.

Joseph e Lucy dividiam tudo o que tinham. Nos anos anteriores à organização da Igreja, acolheram um menino órfão em casa, bem como dois idosos. Um casal de recém-casados morou com eles durante diversos meses em Kirtland. Em Kirtland, Missouri e Nauvoo, não raro cediam todas as camas da casa aos hóspedes, enquanto Joseph e Lucy dividiam um colchão de solteiro no chão.

Davam comida aos recém-chegados e missionários, cediam a casa para os conselhos e reuniões da Igreja, abriam suas portas para que as bênçãos patriarcais fossem concedidas num ambiente espiritual, ofereciam conselhos pessoais, davam aulas sobre a doutrina e realizavam um devocional familiar com hinos e orações todas as noites.

O testemunho deles da veracidade do evangelho fortalecia os membros e desafiava os críticos. Um habitante de Palmyra adquiriu uma nota promissória de Joseph Sênior e passou a exigir o pagamento imediato, mas propôs-se a perdoar a dívida caso ele queimasse o Livro de Mórmon. Embora estivesse doente, Joseph recusou-se e ficou preso por várias semanas devido ao débito.

Ordenado élder em junho de 1830, Joseph Sênior não tardou a pregar o evangelho a seus pais e irmãos. Apesar da enorme oposição e da indiferença por parte de alguns, sua alegria foi grande quando seus irmãos John, Asael Jr. e Silas converteram-se e uniram-se aos santos. Aos 65 anos de idade, como patriarca da Igreja, partiu numa missão patriarcal entre os membros do leste dos Estados Unidos. Na época de sua morte, já dera várias centenas de bênçãos patriarcais de incentivo e inspiração. Serviu no primeiro sumo conselho da Igreja em Kirtland e em 1834

foi ordenado com Hyrum como Presidente Assistente da Igreja. Durante a dedicação do Templo de Kirtland, esse servo idoso do Senhor teve visões maravilhosas.

Quanto à coragem, Lucy nada devia ao marido. Quando um líder da antiga igreja de Lucy a pressionou para que negasse o Livro de Mórmon, ela desafiou-o: “Mesmo que me flagelassem com tochas e me queimassem na fogueira, eu declararia que esse (. . .) registro (. . .) é verdadeiro até o último suspiro que Deus me concedesse”.

Em outra ocasião, quando alguns dos élderes perceberam que ao identificarem-se como santos dos últimos dias seriam perseguidos, Lucy declarou com destemor: “Vou dizer às pessoas exatamente quem sou”. Quando um ministro zombou do Livro de Mórmon, dizendo que não merecia sua atenção, Lucy testemunhou: “Meu senhor, deixe-me declarar-lhe solenemente que o Livro de Mórmon contém o evangelho eterno e foi escrito para a salvação de sua alma, pelo dom e poder do Espírito Santo”. Sete meses depois do assassinato de Joseph e Hyrum, Lucy, falando por si mesma e pelo marido falecido, declarou: “Sentimos no coração que devemos contribuir para o progresso desse Reino”.

Tanto Joseph Sênior quanto Lucy receberam todas as ordenanças do templo que na época estavam ao alcance dos membros da Igreja. Para Joseph Sênior, essas foram ordenanças preparatórias no Templo de Kirtland. Lucy recebeu as iniciatórias e a investidura no Templo de Nauvoo em 10 de dezembro de 1845.

LIÇÕES DE LUCY E JOSEPH

Quais são as lições que podemos aprender hoje com esses seguidores fiéis? Em primeiro lugar, como pais eles ensinaram os filhos a seguir o evangelho, a trabalhar em conjunto e com afinco e a orar continuamente pedindo orientação e as bênçãos desejadas. O exemplo deles estava em perfeita harmonia com seus preceitos.

Em segundo lugar, deram o exemplo para os filhos de como valorizar a verdade onde quer que a encontrassem. Com alegria, dispuseram-se a aprender com um dos filhos em vez de achar que, como pais, já conheciam todas as respostas.

Em terceiro lugar, a devoção ao evangelho era sua principal prioridade. Embora tenham sido vítimas de pobreza, desespero, enfermidades e desprezo, não titubearam em seu compromisso para com a verdade.

Em quarto lugar, embora tivessem poucos meios, dividiam liberalmente o pouco que possuíam e serviam os outros santos e a comunidade até o limite de sua capacidade.

Em quinto lugar, mantiveram a família unida. Tanto quando eram expulsos pelos perseguidores como quando se deslocavam para unir-se aos demais membros da Igreja, Joseph e Lucy, em companhia dos santos, levavam consigo até mesmo os filhos casados, fortalecendo-lhes a fé, cuidando deles quando estavam enfermos e oferecendo apoio e amor.

Em sexto lugar, eles perseveraram até o fim. A despeito das tribulações e do sofrimento, que poderiam tê-los deixado amargos e feito com que questionassem sua fé, eles não perderam a devoção. Em 1840, Joseph Sênior morreu como patriarca da Igreja, cercado de familiares e dos santos. Lucy, que estava com 70 anos de idade, continuou em Nauvoo com os quatro filhos vivos e a nora Emma quando os santos partiram em 1846, mas a fé de Lucy na missão de seu filho Joseph nunca vacilou.

Como seguidores pioneiros, ela e seu marido fixaram o modelo de pais exemplares e de dedicação um ao outro e à verdade. Seu exemplo é uma luz para todas as famílias da Igreja em nossos dias. □

Donald L. Enders, membro da Ala Kaysville XI, Estaca Kaysville Utah Sul, é conservador sênior do Departamento de Locais Históricos e História da Família e da Igreja do Museu de Arte e História da Igreja.

As notas de fim de texto (em inglês) podem ser solicitadas no seguinte endereço: Liahona, Floor 24, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA.

Joseph e Lucy dividiam liberalmente tudo o que tinham. Em Kirtland, Missouri e Nauvoo, não raro cediam todas as camas da casa aos hóspedes, enquanto eles dividiam um colchão de solteiro no chão.



O Poder do Exemplo

Carlos Pérez

ILUSTRADO POR PAT GERBER; FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

Quando terminei o ensino médio, entrei para o exército equatoriano a fim de prestar um ano de serviço militar. Ao fazer as malas, incluí um exemplar do Livro de Mórmon e um hinário. Naquela época, não tinha idéia de como aquele Livro de Mórmon afetaria minha vida.

Fui designado para uma companhia de 104 homens e, depois de observar o comportamento deles, concluí que eu era o único membro da Igreja. Eu queria ser um bom exemplo; por isso, tentava executar o melhor possível qualquer tarefa que me dessem.

Era quase impossível arranjar tempo para ler as escrituras. Tínhamos apenas quinze minutos para ficar prontos para o almoço e meia hora de tempo livre à noite. Nesse horário, eu lia O Livro de Mórmon.

Não percebi que as pessoas estavam me observando, mas elas logo descobriram que eu era membro da Igreja. No começo, zombaram de mim, mas eu sabia que suas palavras não poderiam afetar-me. Todos os dias eu tentava colocar em prática o que lera no Livro de Mórmon.

Um dia, enquanto lia, a escritura em 3 Néfi 12:16 chamou-me muito a atenção: “Portanto fazei brilhar vossa luz diante desse povo de tal forma que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está no céu”. Pedi ao Pai Celestial que me ajudasse a ser um exemplo para as outras pessoas. Com o tempo, ganhei o respeito dos oficiais e dos homens da minha companhia.

Meu serviço no exército estava indo muito bem até o dia em que um amigo meu descobriu que o retém do seu rifle automático havia desaparecido. No meu país, é um crime seriíssimo contra o governo roubar uma coisa assim, e resulta em prisão. Toda a nossa companhia procurou a peça durante três dias, o tempo que nos deram para encontrá-lo. Não olhei no meu armário onde guardava as botas porque não tinha sido eu que o pegara.

O capitão da companhia, membro de uma igreja evangélica, autorizou uma revista em todos os armários. Todos

os membros da companhia estavam presentes quando inspecionaram o meu. Fiquei surpreso quando encontraram a peça desaparecida dentro do meu armário. Eu não tinha idéia de como ele tinha ido parar lá.

Foi um momento terrível para mim. Eu sabia que aquele oficial poderia mandar-me para a prisão. Os membros da minha companhia estavam parados em volta, olhando, preocupados com o que iria acontecer comigo. Fez-se silêncio enquanto esperávamos o que o capitão iria dizer.

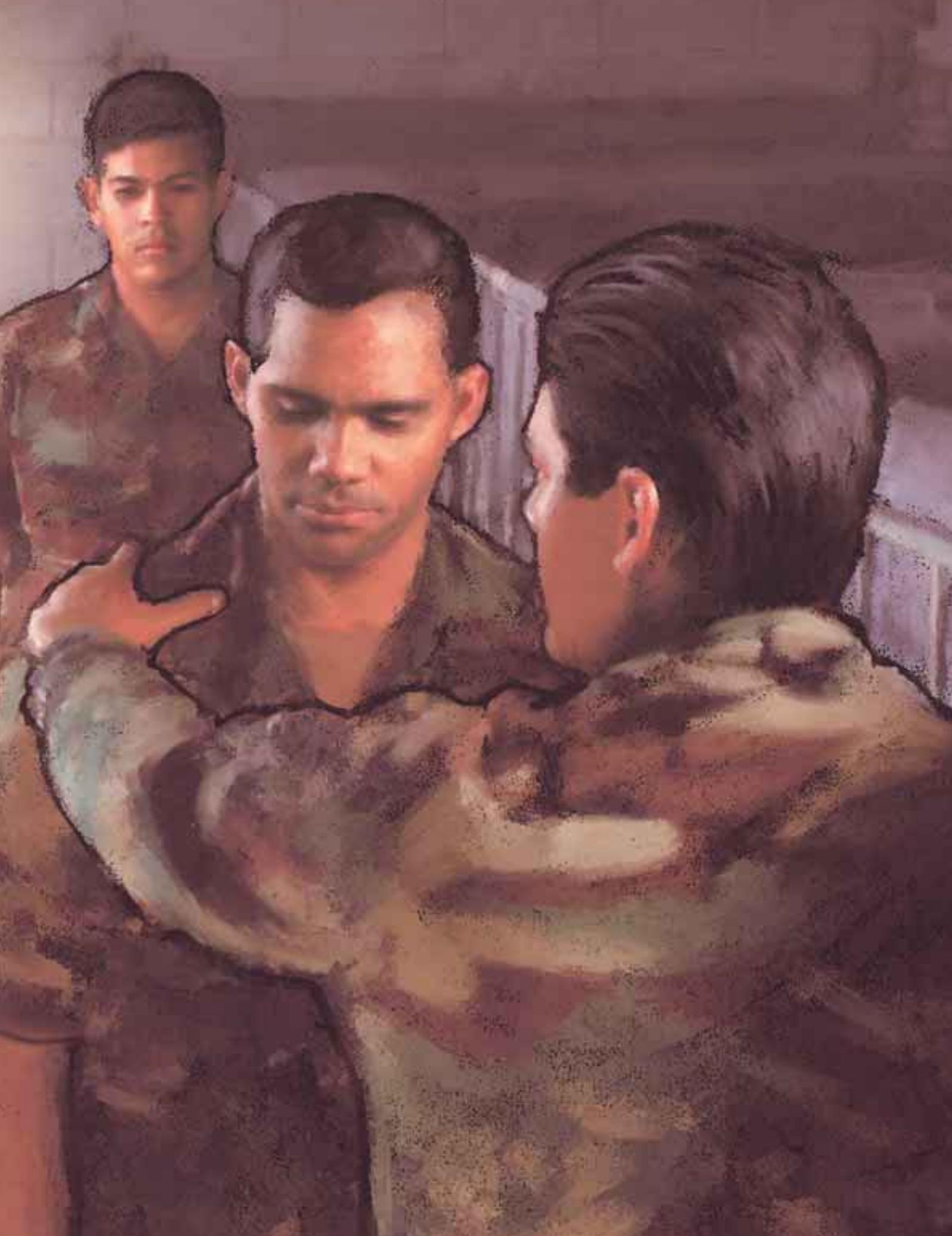
Ele me chamou para perto dele e, em voz baixa, pediu-me uma explicação. Tudo o que pude dizer foi: “Eu não sei”. Ele olhou-me, depois disse as seguintes palavras: “Sei como você tem-se portado todo esse tempo, e sei que você não fez isso”. Então, um outro oficial disse ao capitão: “Eu também tenho certeza de que esse soldado é inocente”. Um por um, todos os oficiais vieram falar comigo e oferecer seu apoio.

Até aquele momento, eu não havia percebido realmente a bênção da obediência ou o poder do exemplo. Não pude conter as lágrimas. Percebi o poder que o Salvador tem de proteger-me. Eu sabia que Ele estava a meu lado. Devido a essa experiência, o versículo em 3 Néfi que tanto havia chamado a minha atenção antes, ficará gravado na minha mente para sempre. Sou grato ao Livro de Mórmon por ter-me ensinado a ser uma luz e um exemplo.

Alguns dias depois, um dos meus amigos da companhia veio contar-me que conhecera dois missionários e que iria ser batizado na semana seguinte na cidade de Guayaquil. Fiquei imensamente feliz quando o vi filiar-se à Igreja.

Tempos depois, servi como soldado de tempo integral para o Senhor, pregando o evangelho como missionário na missão Equador Quito. Sei que Jesus Cristo vive e é nosso exemplo perfeito. □

Carlos Pérez é membro da Ala Gallegos Lara, Estaca Guayaquil Equador Prosperina.



Como Utilizar *A Liahona* de Fevereiro de 2001

Você está procurando alguma história ou citação para um discurso, aula, lição da noite familiar ou devocional do seminário? Você irá encontrar muitas idéias úteis nesta edição de *A Liahona*. (Os números à direita correspondem às páginas desta edição. A = O Amigo.)

IDÉIAS PARA DISCUTIR: DOCTRINA E CONVÊNIOS E HISTÓRIA DA IGREJA

■ “A Descoberta das Raízes do Evangelho na Inglaterra”, página 8: As Colinas Malvern, a fazenda de John Benbow e a capela de Gadfield Elm são importantes porque os eventos que aconteceram ali fortaleceram a Igreja nos primeiros anos de seu estabelecimento. Que lugares de sua área são importantes para a história local da Igreja?

■ “Testemunhas Inseparáveis de Jesus Cristo”, página 14: Discuta como as escrituras antigas prepararam o caminho para as revelações modernas.

■ “Primeiros Seguidores Fiéis”, página 38: Como podemos colocar em prática em nossa família as seis lições que aprendemos sobre a vida dos pais de Joseph Smith?

■ “Examinai Estes Mandamentos”, página A16: Como nossa família pode desenvolver o gosto pelo estudo das “mensagens marcantes e inspiradoras” de Doutrina e Convênios durante o ano?



TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Adversidade	22
Batismo.....	2
Caridade	30
Conversão.....	30
Deficiências Físicas	A4
Doutrina e Convênios	14, 48, A16
Ensino familiar	7
Espírito Santo	30
Exemplo.....	46, A7
Fazer parte da família.....	26
Fé	38
História da Igreja.....	8, 38, 48
Histórias do Novo Testamento.....	A12, A14
Igreja no Mundo	A8
Jesus Cristo.....	14, A12, A14
João Batista.....	2
Livro de Mórmon, O	14, 30, 46
Obediência.....	25
Obra missionária	26, 30, 36, A7
Oração.....	25
Paternidade.....	38
Perspectiva eterna.....	22
Plano de salvação.....	36
Primária	A10
Professoras Visitantes	25
Profetas.....	28, A10, A16
Restauração.....	14, 38, A2
Sacerdócio Aarônico.....	2
Sánchez, Luz Karina	A4
Serviço	30
Smith, Joseph Sênior e Lucy Mack.....	38
Vida pré-mortal.....	36

SOLICITAÇÃO DE ARTIGOS SOBRE O CASAMENTO E A FAMÍLIA

Você passou por experiências ou teve idéias que ajudaram a fortalecer o seu casamento e a vida em família? Mande suas histórias ou artigos para *Liahona*, Floor 24, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA, ou utilize o e-mail CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org. Não deixe de informar seu nome completo, endereço, número de telefone, ala e estaca (ou ramo e distrito).

O Amigo

PARA AS CRIANÇAS DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ▪ FEVEREIRO DE 2001



A Primeira Visão

Delores DeVictoria ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

Instruções

Destaque cuidadosamente estas duas páginas da revista. Cole-as em uma cartolina. Recorte os cartões com a história e as gravuras. Utilize pequenas presilhas metálicas para fazer a junta das pernas e dos braços. Organize as gravuras conforme indicado nos cartões. Utilize os cartões e os desenhos para contar a história da Primeira Visão de Joseph Smith.



1 Joseph Smith tinha quatorze anos e não sabia que Igreja deveria freqüentar. Certo dia, ele leu na Bíblia: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus (. . .), e ser-lhe-á dada”. (Tiago 1:5)



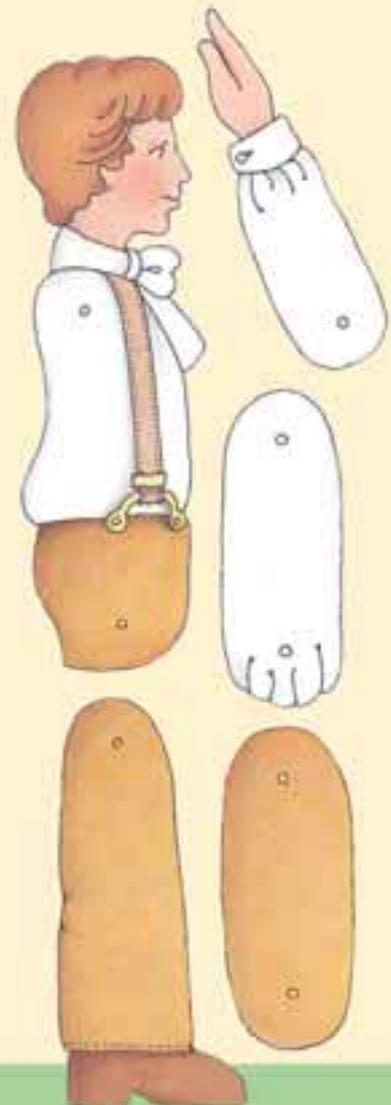
2 Joseph decidiu fazer o que mandava a escritura e perguntar a Deus a que Igreja se filiar. Ele foi a um bosque perto de sua casa para orar.



3 Enquanto orava, uma luz apareceu acima de sua cabeça. Joseph viu o Pai Celestial e Jesus Cristo. Jesus disse a ele que não se filiasse a nenhuma Igreja. Jesus disse muitas outras coisas a Joseph.



4 Quando o Pai Celestial e Jesus partiram, Joseph sentiu tranqüilidade e alegria por causa das coisas que tinha visto e ouvido. Joseph voltou para casa e contou a seus pais a respeito do que lhe havia acontecido.



de Joseph Smith



Luz Karina Sánchez

DE YAGUARÓN, PARAGUAI

Mary Ann Whetten Lyman

FOTOGRAFIA DE RICHARD E. MARY ANN WHETTEN LYMAN

Luz Karina Sánchez, de 7 anos, mora em Yaguarón, no Paraguai. Ela desenha, dá comida às galinhas, brinca com bolinhas de gude e faz todas essas coisas de um jeito diferente: com os pés!

Karina nasceu sem os braços, mas isso não a impede de escrever, desenhar, virar as páginas de um livro, pentear os cabelos, vestir-se e comer com um garfo. Ela é uma menina independente e determinada, que sempre descobre um meio de fazer com os pés o que algumas pessoas mal conseguem fazer com as mãos. Federico e Isabel Sánches, os pais de Karina, dizem que ela descobre por si mesma como fazer as coisas, porque assim pode fazer tudo sozinha, sem ajuda.

O primeiro nome de Karina é Luz.

Após o nascimento de Karina, sua mãe sentiu muita paz e conforto, como uma luz dentro dela; por

isso, chamou-a de Luz, por causa desse sentimento

especial. Luz Karina continua sendo uma luz e um exemplo para sua mãe, para os outros membros de sua família e seus amigos por meio de sua determinação, amor e testemunho.

Karina é a mais nova dos 12 filhos e gosta de fazer parte de uma família grande. Como a maioria de seus irmãos e irmãs são muito mais velhos do que ela, Karina é particularmente mais chegada a seu irmão Germán, de 12 anos. Diz Germán a respeito da irmã: “Gosto dela porque ela é uma menina feliz e agradável”.

Germán sempre a ajuda, mas ela mesma toma conta de sua prima Ruth, de dois anos. Ela ama Rute e deixa que ela se segure na manga de sua blusa de lã quando estão juntas. Karina anda devagar para que Ruth consiga acompanhar seus passos e tenta fazer com que os outros prestem atenção na prima.



A família de Karina filiou-se à Igreja há cerca de um ano. Desde que se tornaram membros, eles freqüentam o Ramo Yaguarón no Distrito Paraguari Paraguai. A família mora longe da cidade, a cerca de 5 quilômetros; por isso, para ir à Igreja toda semana, eles andam um quilômetro e depois pegam um ônibus. Karina gosta da Primária, especialmente dos hinos. Aproximadamente dez crianças freqüentam a Primária no Ramo Yaguarón.

Karina e Germán são os únicos membros da Igreja em sua escola. Karina está no primeiro ano, e seu irmão tem muito orgulho de seus trabalhos escolares. A matéria preferida de Karina na escola é o desenho. Ela gosta de desenhar flores, especialmente *poinsétia* (ou bico-de-papagaio) uma espécie muito conhecida no Paraguai. Ela também faz desenhos de si mesma e da família. Ela sempre se desenha com braços.

Os músculos do corpo e das pernas de Karina são muito fortes, e ela ajuda muito no trabalho pesado da pequena fazenda da família. A família tem um peru bem grande, galinhas e uma cadela com vários filhotes. Karina adora os animais. Uma de suas responsabilidades é dar comida às galinhas e ela mesma descobriu um jeito de realizar essa tarefa. Ela pega o saco de milho com os pés e coloca-o debaixo do queixo para carregá-lo enquanto anda. Depois, senta-se numa cadeira, abre o saco com um dos pés e pega um pouco de milho com o outro, jogando-o para as galinhas comerem. Karina também adora segurar as galinhas. Ela pega cuidadosamente um pintinho com os pés e segura o bichinho macio e peludo debaixo do queixo.

Karina gosta muito de jogar bolinhas de gude, e joga

Extrema esquerda: Karina adora desenhar, especialmente flores. **Acima, à esquerda:** Karina segura um pintinho sob o queixo. **Acima, à direita:** Germán, Ruth e Karina. **À direita:** Karina demonstra suas habilidades com o estilingue.



muito bem. É comum ela vencer outras crianças na brincadeira e até ganhar de alguns missionários que brincam com ela. Karina controla a bolinha com o pé e solta-a com um peteleco dos dedos. Ela consegue usar de mais precisão ao jogar a bolinha de gude com o pé do que muitas pessoas com as mãos.

Karina também é boa no estilingue. Ela encaixa dois elásticos de escritório em dois dos dedos dos pés, prende um coquinho no estilingue com o outro pé, estica o elástico e arremessa.

O élder Richard Lyman, missionário que trabalha em seu ramo, deu-lhe uma gaita de presente. No começo, ela estava um





À esquerda: Ruth e Karina, à frente, com outros membros de sua família. Da esquerda para a direita: Germán, Juan, Ros (mãe de Ruth), Eugenio, Isabel (mãe de Karina), Mariela Isabel e Federico (pai de Karina). Abaixo: Karina e o élder Lyman, tocando gaita.

pouco tímida e insegura, mas em poucos minutos começou a usar os pés para segurar o instrumento e tocá-lo.

Karina logo fará oito anos e aguarda ansiosamente o seu aniversário. Ela espera ganhar um bolo de chocolate bem grande com cobertura de *chantilly*. Mas ela está ainda mais ansiosa com a expectativa de seu batismo.

Seus pais e os missionários estão ensinando-lhe a respeito do batismo e dos convênios que ela fará, e seu pai está preparando-se para batizá-la. Ela quer muito tornar-se membro da Igreja. Ela ama o evangelho e gosta de compartilhá-lo com outras pessoas.

Luz Karina faz juz ao nome que tem. Ela é realmente uma luz para aqueles que a conhecem. □

Mary Ann Whetten Lyman serviu como missionária de tempo integral junto com o marido, Richard, na Missão Paraguai Assunção.





FICÇÃO

Às Vezes, o que Não É Igual É Bom

Janice Porter Hayes

A família Ribeiro mudou-se para uma casa do outro lado da rua há, aproximadamente, seis meses. É uma família realmente diferente do resto da vizinhança!

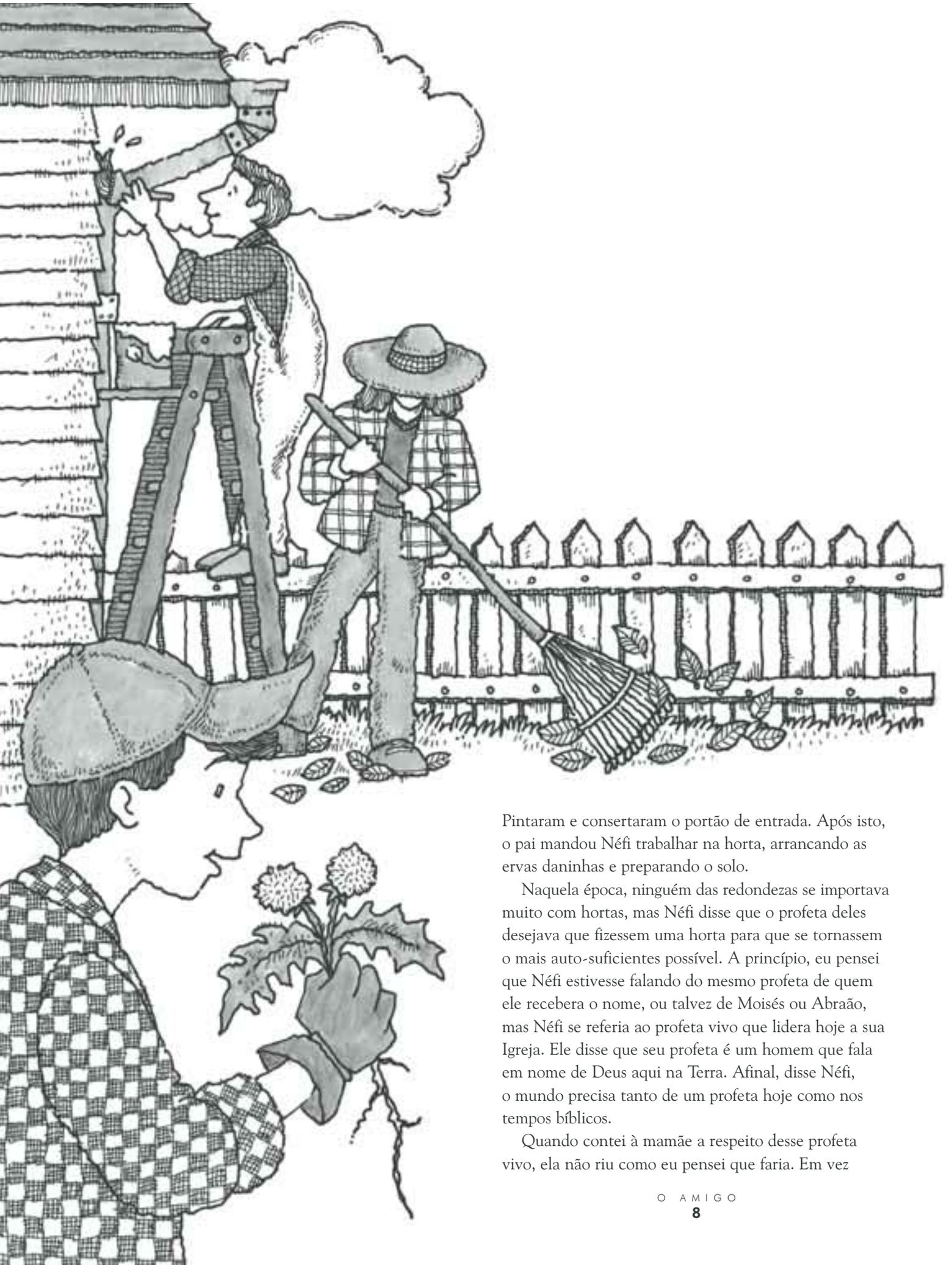
No primeiro dia em que conheci Néfi, o filho de 11 anos, ele me disse que seus pais lhe deram o nome de um antigo profeta das Américas. Eu nunca tinha ouvido falar em profetas das Américas, mas ele me mostrou um livro em que aparecia o seu nome, chamado O Livro de Mórmon.

Minha família vai à igreja e, às vezes, lemos a Bíblia, mas, ninguém em minha família conhecia O Livro de Mórmon. Néfi disse que esse livro era “Outro Testamento de Jesus Cristo” e que era um antigo registro das coisas do Senhor durante o período em que ele esteve com as pessoas das Américas. Foi aí que comecei a perceber que Néfi e sua família eram diferentes.

Pouco depois conheci a irmã mais velha de Néfi, Glitchen. Ela não tinha o nome de um profeta, mas sim o de sua bisavó, Glitchen Kelly, que era irlandesa. Sua bisavó tinha cabelos ruivos e era casada com um polonês, chamado Alex. A família de Glitchen sabe de tudo isso porque estuda a história da família deles.

Tudo o que conheço a respeito da história de minha família é que os meus pais nasceram aqui, em nossa cidade. Gostaria de poder saber mais, porém não consigo me imaginar fazendo o mesmo que a mãe de Glitchen, que gasta todo o seu tempo com pesquisas sobre os seus antepassados.

Quando os Ribeiro vieram para cá, toda a vizinhança se transformou, a começar pela aparência. A casa na qual eles passaram a morar nunca havia sido bem mantida, mas logo após descarregar a mundaça, a família Ribeiro começou a fazer concertos em sua nova casa.



Pintaram e consertaram o portão de entrada. Após isto, o pai mandou Néfi trabalhar na horta, arrancando as ervas daninhas e preparando o solo.

Naquela época, ninguém das redondezas se importava muito com hortas, mas Néfi disse que o profeta deles desejava que fizessem uma horta para que se tornassem o mais auto-suficientes possível. A princípio, eu pensei que Néfi estivesse falando do mesmo profeta de quem ele recebera o nome, ou talvez de Moisés ou Abraão, mas Néfi se referia ao profeta vivo que lidera hoje a sua Igreja. Ele disse que seu profeta é um homem que fala em nome de Deus aqui na Terra. Afinal, disse Néfi, o mundo precisa tanto de um profeta hoje como nos tempos bíblicos.

Quando contei à mamãe a respeito desse profeta vivo, ela não riu como eu pensei que faria. Em vez

disso, suspirou e disse que orava para que essas coisas fossem verdade. Naquela noite, fomos até à nossa horta abandonada e começamos a capinar.

Mamãe, papai e eu passamos a cultivar a nossa horta e a família Ribeiro cuidou da deles. No outono, mamãe e a senhora Ribeiro trocaram receitas e ela lhe ensinou a fazer conservas. Depois, o pai de Néfi e o meu começaram a ir pescar juntos aos sábados e, às vezes, às sextas-feiras à noite, mas nunca aos domingos. Nós logo ficamos sabendo o que eles faziam aos domingos.

É o nosso “Dia do Senhor”, disse Néfi. Nesse dia eles não pescavam, faziam compras ou qualquer outra coisa, mas passavam o tempo todo juntos em família ou fazendo coisas para a Igreja. Eu fiquei com pena de Néfi e Glitchen, mas parece que eles não se importam com isso, mesmo quando escutei o estômago de Néfi roncar



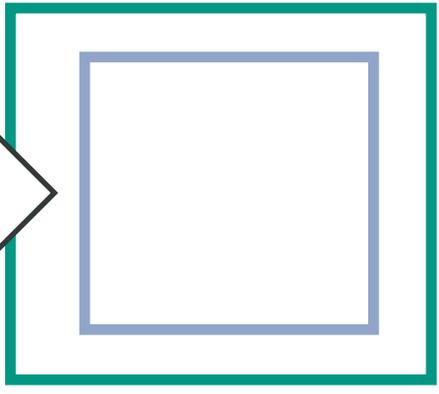
durante o domingo em que ele estava jejuando.

Agora, acreditem ou não, apesar de tudo o que tenho presenciado sobre a família Ribeiro, gosto deles. Talvez porque sejam uma família sorridente e pareçam aproveitar a vida, ou então, talvez seja porque Néfi ajudou a nossa equipe de futebol a ganhar alguns jogos, ou porque eu simplesmente me sinto bem ao lado deles.

Esta noite, após o jantar, a família Ribeiro trará alguns missionários para visitar-nos e falar-nos mais a respeito da igreja deles. Mamãe limpou a casa, fez um bolo e Néfi e Glitchen estarão trazendo um Livro de Mórmon só para mim.

Logo ficarei sabendo tudo a respeito do profeta Néfi, sobre história da família, hortas, o Dia do Senhor e muito mais. Aprenderei até o significado do que é ser diferente, como a família Ribeiro. Acho que às vezes ser diferente é uma coisa boa. □





O PROFETA É O PORTA-VOZ DO PAI CELESTIAL

Diane S. Nichols

“Pois suas palavras recebereis como de minha própria boca, com toda paciência e fé.” (D&C 21:5)



Imagine que sua mãe lhe peça que chame seus irmãos e irmãs para jantar. Ao levar seu recado para a família você estará falando no lugar de sua mãe. Será que eles ouviriam?

O Pai Celestial escolheu alguns homens para falar em Seu lugar. Esses homens são chamados profetas. Eles nos ensinam o que o Pai Celestial quer que saibamos. Será que ouviremos?

As escrituras falam a respeito dos profetas que o Pai Celestial chamou para falar por Ele. Noé avisou o povo de que se não se arrependessem, um terrível dilúvio cobriria a Terra. A família de Noé prestou atenção ao aviso e foi salva do dilúvio. (Ver Gênesis 6–8; II Pedro 2:5.)

Leí teve uma visão de que Jesus Cristo seria o Salvador do mundo. O filho de Leí, Néfi, orou para saber se as palavras de seu pai eram verdadeiras. O Senhor visitou Néfi, e ele acreditou nas palavras do pai. Tempos depois, Néfi, da mesma forma que o pai, serviu como porta-voz do Senhor. (Ver I Néfi 1:18–19; 2:16–18.)

Joseph Smith foi ao bosque para orar. O Pai Celestial e Jesus Cristo apareceram a ele e deram-lhe instruções que abririam o caminho para a restauração do evangelho. (Ver Joseph Smith — História 1:11–20.)

Temos um profeta vivo hoje: Gordon B. Hinckley. Ele é o Presidente da Igreja. Ele foi escolhido por Deus e chamado por intermédio da devida autoridade do sacerdócio. O Presidente Hinckley testifica que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Todos os profetas testificam de Jesus Cristo e ensinam-nos o que Ele quer que façamos. (Ver Jacó 7:11; D&C 21:1, 4–5.)

Quando oramos ao Pai Celestial, podemos saber que as palavras dos profetas são verdadeiras. Quando ouvirmos o profeta, veremos que ele fala a nós em nome do Salvador, e com certeza obedeceremos.

Instruções

1. Retire a página 10 da revista e cole-a numa cartolina. Recorte as partes do móbile.
2. Cole uma fotografia sua ou faça um desenho de si mesmo no quadrado vazio e escreva seu nome.
3. Dobre nas linhas pontilhadas. (Ver ilustração.) Leia a escritura abaixo da figura de cada profeta.
4. Faça os furos nos locais indicados e passe um pedaço de barbante pelos orifícios como mostra a ilustração. Faça um nó na ponta do barbante, para que este fique preso ao móbile, e faça uma alça na parte de cima.
5. Pendure o móbile para lembrar-se do que o Salvador disse aos profetas para ensiná-lo.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Dê a cada professor o nome de um profeta e referências de escrituras que falem a respeito do que ele disse ou fez. Exemplos: Noé (Gênesis 6:11–14; 7:5, 7–10); Moisés (Êxodo 14:8–9, 13–14, 21–22); Malaquias (Malaquias 3:10); Abinádi (Mosias 13:1–5, 9–10); Samuel, o lamanita (Helamã 14:1–8; 16:2–3); Brigham Young (D&C 136:1–4). Peça a cada classe que represente as situações mencionadas nas escrituras. As outras crianças deverão adivinhar qual é o profeta que está sendo representado. Converse sobre o que aconteceu após o profeta ter transmitido sua mensagem.

2. Peça a cada professor que diga a uma criança alguma coisa importante sobre a mensagem da aula daquele dia. Faça com que cada criança diga a toda a Primária o que aprendeu. Explique-lhes que os mensageiros falaram por seus professores para toda a Primária. Pergunte às crianças se elas alguma vez já foram mensageiras dos pais, dos amigos, dos irmãos, etc. Diga-lhes que quando falamos no lugar de alguém, a pessoa está confiando em nós para transmitirmos toda a mensagem corretamente. Explique-lhes que o Pai Celestial envia profetas ao mundo para transmitir Suas mensagens. Peça a vários portadores do sacerdócio que representem um profeta e que transmitam a mensagem de cada um. □

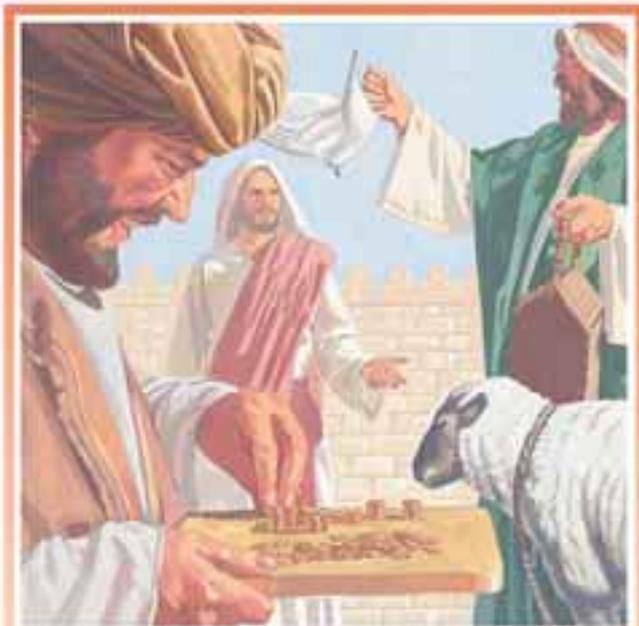
JESUS E A CASA DO PAI CELESTIAL



ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

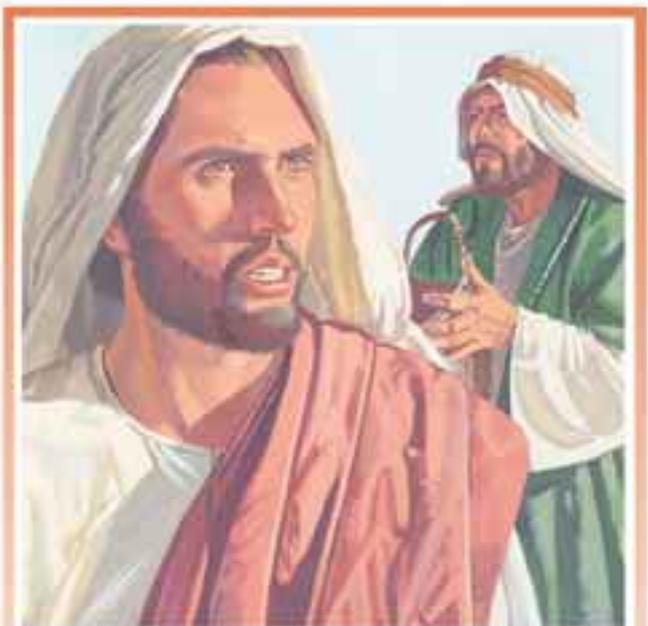
Jesus foi ao templo em Jerusalém. Muitas pessoas iam ao templo para fazer sacrifícios matando um animal e queimando-o no altar. O sacrifício ajudava as pessoas a lembrarem-se do Salvador, que Se sacrificaria sofrendo e morrendo por elas.

Levítico 1:3–9; João 2:13; Moisés 5:5–7



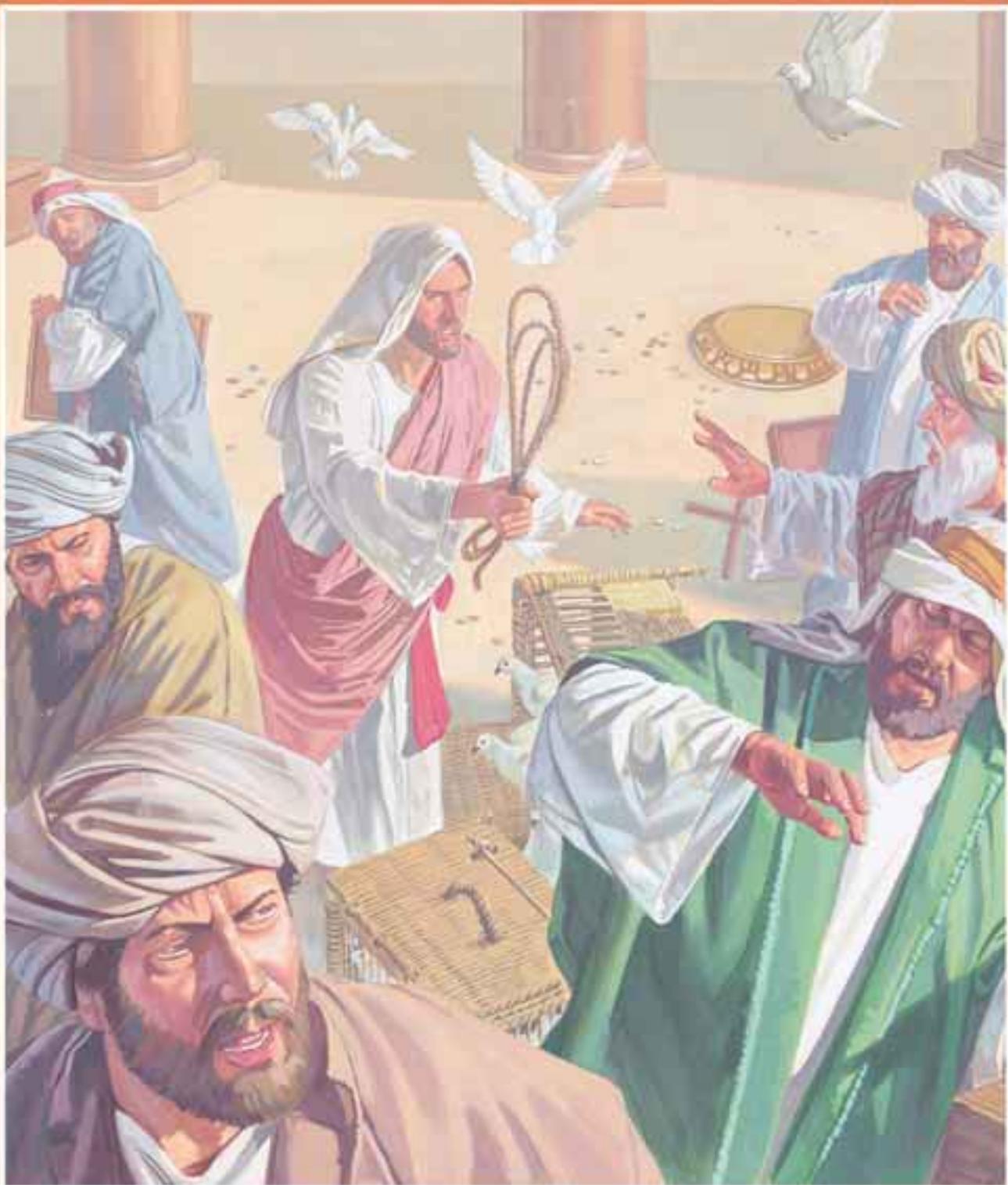
Muitas pessoas não tinham animais para sacrificar; por isso, outras vendiam animais no templo. Esses vendedores só pensavam em ganhar dinheiro. Não pensavam em Deus.

João 2:14



Jesus viu pessoas vendendo animais no templo. Ele disse que o templo era a casa do Pai Celestial, um lugar sagrado. Não queria que vendessem coisas lá.

João 2:16



Jesus fez um chicote, derrubou as mesas, jogou o dinheiro no chão e expulsou as pessoas do templo. Ele não deixava que vendessem animais ou fossem irreverentes na casa do Pai Celestial.

João 2:15-16

NICODEMOS



Nicodemos era fariseu, príncipe dos judeus. Muitos fariseus não acreditavam que Jesus havia sido enviado por Deus. Nicodemos acreditava que Jesus havia sido enviado por Deus por causa dos milagres que Ele fazia.

João 3:1-2



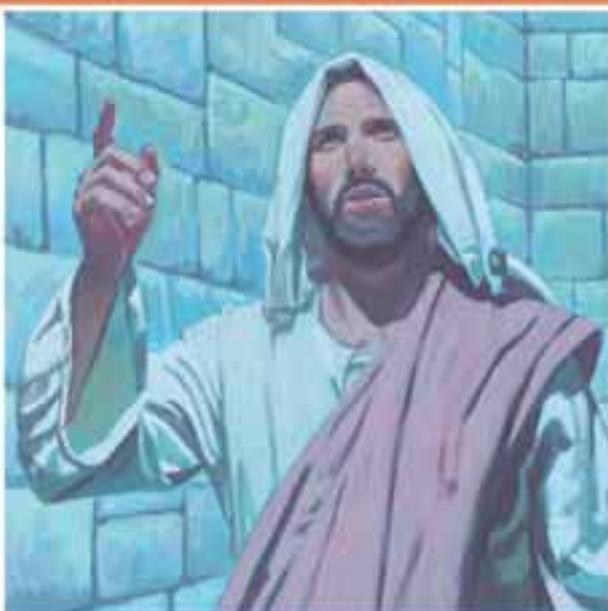
Certa noite, Nicodemos foi conversar com o Salvador. Jesus disse que ninguém poderia entrar no reino de Deus a menos que nascesse de novo.

João 3:3-5



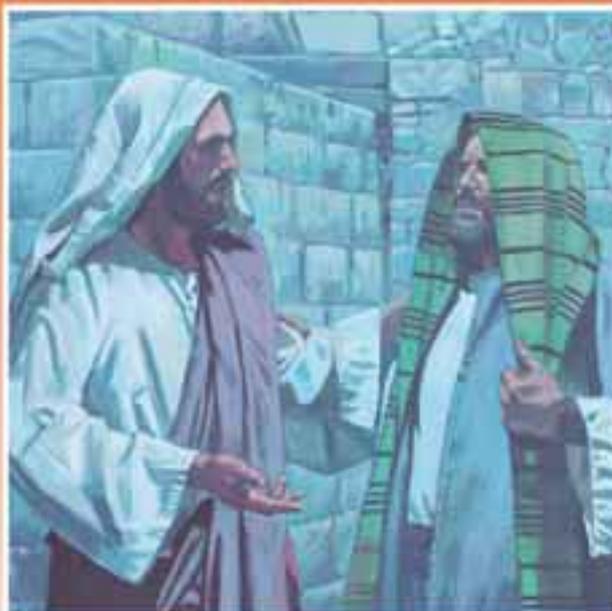
Nicodemos não entendeu o que Jesus queria dizer. Como uma pessoa poderia nascer de novo? O Salvador explicou que estava falando a respeito de nascer de novo espiritualmente. Para isso, a pessoa deve ser batizada e receber o Espírito Santo.

João 3:5-7



Jesus explicou que o Pai Celestial O havia enviado à Terra para preparar um caminho a fim de que todos nós retornássemos à Sua presença. O Salvador testemunhou que Ele sofreria e morreria em uma cruz para que fôssemos salvos se acreditássemos Nele e guardássemos os Seus mandamentos.

João 3:12-17



Ele disse que precisamos escolher as coisas certas e não as coisas erradas. Se fizermos as coisas certas, viveremos felizes no reino de Deus.

João 3:18-21

“Examinai Estes Mandamentos”

“Examinai estes mandamentos, porque são verdadeiros e fiéis; e as profecias e as promessas neles contidas serão todas cumpridas.” (D&C 1:37)



“Neste ano, os membros de toda a Igreja estão estudando Doutrina e Convênios. Suas mensagens marcantes e inspiradoras estão sendo ensinadas e ponderadas em muitas línguas e em uma centena de nações em todo o mundo. É um livro glorioso, cheio de palavras de sabedoria celestial. Contém a palavra de Deus para nós, desta geração.”

Gordon B. Hinckley

(“A Ordem e a Vontade de Deus”, A Liahona, agosto de 1989, p. 2)



“O Livro de Mórmon é a pedra fundamental de nossa religião, e Doutrina e Convênios é a pedra de cúpula, com contínua revelação moderna. O Senhor após seu selo aprovador tanto à pedra fundamental como à pedra de cúpula.”

Ezra Taft Benson (1899–1994)

(“O Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios”, A Liahona, julho de 1987, p. 84)

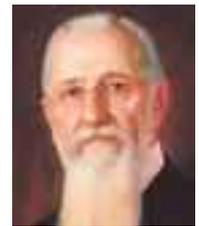
“O livro de Doutrina e Convênios está repleto de coisas esplêndidas com as quais devemos estar familiarizados. Entretanto, você pode ler e reler e decorar o livro todo, e isso de nada servirá, a menos que aplique os ensinamentos nele contidos. (...) Se nós, como povo, vivermos de acordo com essas maravilhosas revelações que nos foram dadas, seremos como uma luz brilhante para todo o mundo.”



Heber J. Grant (1856–1945)

(Gospel Standards, organizado por G. Homer Durham [1941], p. 39, p. 43)

“(. . .) o livro de Doutrina e Convênios contém alguns dos mais gloriosos princípios já revelados ao mundo; alguns dos quais foram revelados em maior plenitude do que jamais foram revelados antes ao mundo (. . .)”



Joseph F. Smith (1838–1918)

(Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith [1998], p. 44)



“O livro de Doutrina e Convênios foi dado aos santos dos últimos dias especificamente para sua vida e ações do dia-a-dia.”

Brigham Young (1801–1877)

(Ensinamentos dos Presidentes da Igreja:

Brigham Young [1997], p. 120)



“O livro de revelações (. . .) [mostra] que as chaves dos mistérios do reino de nosso Salvador foram novamente confiadas ao homem; e que as riquezas da eternidade estão ao alcance daqueles que desejam viver de acordo com todas as palavras proferidas pela boca de Deus.”

Joseph Smith (1805–1844)

(History of the Church, 1:235)



“Pelo dom e poder de Deus” de Simon Dewey, cortesia do Museu da História e Arte da Igreja, Quinto Concurso Internacional de Arte.

“Meu servo Joseph Smith Júnior (. . .) traduziu o livro, sim, aquela parte que lhe ordenei; e assim como vive vosso Senhor e vosso Deus, ele é verdadeiro.” (D&C 17:5–6; ver também D&C 135:3.)



Com a ajuda de Oliver Cowdery e de outros escreventes, o Profeta Joseph Smith traduziu o Livro de Mórmon “pelo dom e poder de Deus”. (D&C 135:3) O livro prova “ao mundo que as santas escrituras são verdadeiras e que Deus inspira os homens e chama-os para sua santa obra, nesta época e nesta geração”. (D&C 20:11) Doutrina e Convênios junta-se ao Livro de Mórmon como segunda testemunha inseparável. (Ver “Testemunhas Inseparáveis de Jesus Cristo”, página 14.)